



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LORENA SANTOS ANDRADE

Conhecer os desejos da terra:

a mestria de um corpo-memória a fecundar o chão da vida acadêmica

São Cristóvão/SE

2024

LORENA SANTOS ANDRADE

Conhecer os desejos da terra:

a mestria de um corpo-memória a fecundar o chão da vida acadêmica

Dissertação apresentada como requisito à defesa no mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe na linha de Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Michele de Freitas Faria de Vasconcelos e Coorientação da Prof.^a Dr.^a Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto.

São Cristóvão/SE

2024

LORENA SANTOS ANDRADE

Conhecer os desejos da terra: a mestria de um corpo-memória a fecundar o chão da vida acadêmica

Defesa de dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos para conclusão da pesquisa em questão, como Mestre em Educação. Esta dissertação foi acompanhada e reconhecida pela comissão abaixo assinada em 26 de Julho de 2024.

São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Prof.^a Dr.^a Michele de Freitas Faria de Vasconcelos – Orientadora
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Prof.^a Dr.^a Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto - Coorientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Estágio Pós Doutorado UFS – 2023/2024

Prof.^a Dr.^a Livia de Rezende Cardoso – Membro Interna ao
PPGED. Universidade Federal de Sergipe– UFS

Prof.^o Dr.^o Carlos Alberto de Paulo – Membro Externo ao Programa
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

M.^a Carleane Soares da Silva – Membro Simbólica

Dr.^a Karen Worcman – Membro Externa
Museu da Pessoa

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A553c Andrade, Lorena Santos
Conhecer os desejos da terra : a mestria de um corpo-memória a fecundar o chão da vida acadêmica / Lorena Santos Andrade ; orientadora Michele de Freitas Faria de Vasconcelos. – São Cristóvão, SE, 2024.
98 f.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Educação superior. 2. Pedagogia crítica. 3. Descolonização. 4. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 5. Oralidade na literatura. I. Vasconcelos, Michele de Freitas Faria de, orient. II. Título.

CDU 378.04

*A todas aquelas que - em encantos e encantarias – seguem dançando,
cantando, contando histórias para sustentar o céu e adiar mais um
pouquinho o fim do mundo.*

AGRADECIMENTOS

Início a escrita desses agradecimentos na a intenção com a qual acendereria uma fogueira para receber gentes humanas e mais que humanas as quais me acompanharam e fizeram essa pesquisa-vida ser possível. Com uma grande fogueira ao centro de uma roda, vejo todas vocês, e vocês sabem quem são. Sintam meus agradecimentos como o calor de uma fogueira.

Mais diretamente, agradeço aos ventos soprados por minhas e meus ancestrais, vocês me trouxeram até aqui e seguem me conduzindo por tantos outros caminhos os quais preciso ir. Como mais nova, honro suas forças.

Agradeço a minha querida vó Ita, meu primeiro ninho. Carrego comigo as histórias de suas pelancas e a brabeza mais gentil e sensível que poderei conhecer nessa vida. Agradeço a vó Creza (*in memória*) pelo cuidado e amor em cada gesto e os braços sempre apertados para um abraço apertado, o qual carrego comigo. Também a vó Otacílio (*in memória*) por me contar tantas histórias e me apresentar a arte de nosso povo, e a vó Zé por sempre me receber com um sorriso aberto e dividir comigo o cafezinho de fim de tarde. Agradeço a mainha e painho por cuidarem com tanto amor de um ninho quentinho para eu sempre voltar. Agradeço a todas as mulheres dessa família consaguínea por seguirem, cada uma nos seus caminhos, a caçar os próprios sonhos.

Agradeço ao povo Kariri Xocó, especialmente ao grupo Sabuká, por me lembrar da minha ancestral Miaba, aquela casa-colo-ninho-anciã que sustenta tantos povos, memórias, histórias. Por terem me ensinado a escutar os passarinhos, me apresentar para árvores-anciãs e honrar suas forças e encanto. Por me iniciarem em tantos processos importantes para todo um povo que me acompanha. Por serem ninho encantado, onde sei que posso sempre voltar. Minha honra e de meu povo!

Agradeço as árvores-anciãs, aos passarinhos, a águas, aos ventos, a mecidina do *pawi*, por serem guias por esses caminhos e escreverem junto comigo. Agradeço a todos os povos e encantados que dançam e contam histórias para sustentar esse céu, fazendo dessa vida nossa ainda possível. Em nossas possibilidades, que possamos nos juntar com esses povos nessa sustentação, sermos passarinhos, por que os que odeiam nossas gentes passarão.

Agradeço a(os) encantados encarnados que a vida me trouxe, pela universidade, pelos bares, quintais, ruas, em confluência de desejos. Cada uma em seus caminhos, e nós sempre juntas, ali no subsolo. Sem cada uma de vocês eu não estaria aqui do mesmo jeito. Vocês me

tornam povoada e isso é motivo de força. Agradeço a Michele e a Gislei pela confiança, guiança, por tanto me ensinarem de uma universidade que ainda respira, vocês me apresentaram frestas, (des)caminhos, agradeço e por me escutarem tão atentas e cuidadosamente. Agradeço ao grupo de escritas pela companhia na costura desse texto e por tanto ter aprendido com os seus textos-vidas. Agradeço a Bernardo(Robert) por sempre me lembrar das infâncias, enquanto habitamos as nossas, por ser amigo, irmão, pelo olhar infante e os ouvidos de velhos. Agradeço a José pelo apoio e inspiração em poesia. Esses seres encantados que a universidade trouxe: Carle com sua força e de seu povo que tanto me nutre, com quem compartilhei tantos desafios por fazer uma escrita ainda deslegitimada por parte da universidade, Juliana e Camila por cada momento vivido nesse mestrado, pela vitalidade de cada encontro, por acreditar que no concreto da universidade pode brotar amizade.

Agradeço também ao Coletivo Mulheres que não Calam (Evelyn, Raissa e Victória) por lembrarem de sonhos, compartilharmos sonhos, vida, dores e celebrações, por aponterem caminhos múltiplos para esperar mundo outros. Agradeço a Arthur por me lembrar de celebrar as pequenas alegrias desse caminho e por estar por perto. Agradeço a Diogo pelo cuidado, afeto e afago a cada dia em meio a exaustão do finalzinho desse processo.

Agradeço ainda a Nêgo Bispo (*in memória*) por sua sabedoria, por tanto me ensinar. Ainda te acompanhando pelos livros e vídeos, senti a todo o tempo sua presença por perto. Agradeço a Exú por abrir tantos caminhos e me manter esperando. Agradeço a Oxalá e o Caboclo Pena Branca por me manter de pé e seguir os caminhos de meu coração. Agradeço a todas as crianças que me impossibilitam sair ilesa ao encontrá-las.

Para findar, agradeço ao PPGED, a CAPES pelo financiamento e as políticas públicas que seguem resistindo nesse país, e todas as pessoas que lutam por suas resistências e efetivação para que fazer ciência cada vez mais comprometida política e éticamente, em diversidade e popularidade de acesso e construção.

Para chegar, peço licença ao meu povo e aos teus, também às mais velhas e às mais novas, às encantarias, às que vieram antes e tornaram possível estarmos aqui, lutando também pelas que virão. Aprendi com a Teia dos Povos¹ a chegar com respeito e reverência por onde formos, especialmente quando se trata de território alheio. Carece pisar macio, caminhar respeitosa e cuidadosamente em território no qual se é estrangeiro. Se os brancos tivessem aprendido sobre esse respeito, as histórias haviam caminhado por outros rumos? Se agora, o que nos resta é somente lutar, digam aos povos que avancem!

¹ Teia dos Povos articulação nascida na 1ª Jornada de Agroecologia da Bahia em 2012, criada pelos povos Tupinambá, Pataxó Hã-hã-hãe, quilombolas e outros movimentos campesinos (Ferreira; Felício, 2021).

RESUMO

A que(m) servem (nossos) saberes? É possível produzir conhecimento acadêmico que faça frente ao projeto (re)colonizatório, civilizatório e capitalista moderno-colonial? Como resistir à (nossa) branquitude? Na peleja com essas perguntas, essa dissertação faz-se ciranda de *dizências* no rachar de Pindorama pelo pisar na terra em que germinam cenas, histórias, memórias e narrativas contracoloniais. A flecha dos desejos da terra fura a geografia da monocultura de um pensamento colonizado, euro e antropocentrado. No (com)passo de pés na terra e ouvidos ao vento, avista-se a feitoria de um corpo-memória no espiralar do tempo, sob a guiança da serra da Miaba e sua Terra Vermelha, de Leda Martins, Nêgo Bispo, Ailton Krenak, de mestras e mestres de terreiro, de aldeias, de quilombos, de reisado, de quintais e também da universidade, da força de tudo que é vivo e insiste em viver. Um corpo-mémória-povoado que se inscreve de um lugar-lutar-escutar-escrever com sonhos-enxada na mão pelo reflorestamento da educação e da universidade. De um assombro devastador diante da paisagem moderno-colonial, recobra-se forças pelo acompanhar a decomposição de folhas e galhos no rio da memória, a potência heterogenética de microrganismos em articulação, a recomposição de raízes e ramificações de uma gramática onírica de um Pindorama que insiste em brotar no cimento desses tempos e espaços acadêmicos.

Palavras-chave: Universidade; Conhecimento; Colonialidade; Corpo; Memória; Oralidade.

RESUMEN

¿Para qué sirve (nuestro) conocimiento? ¿Es posible producir conocimiento académico que enfrente la (re)colonización, la civilización y el capitalismo colonial moderno? ¿Cómo podemos resistirnos a (nuestra) blancura? En la lucha con estas preguntas, esta disertación se compone de dichos en la escisión de Pindorama al pisar la tierra en la que germinan escenas, historias, memorias y narrativas contracoloniales. La flecha de los deseos de la tierra atraviesa la geografía monocultural de un pensamiento colonizado, euro y antropocéntrico. En el (con)paso de los pies en la tierra y los oídos en el viento, se ve el puesto comercial de un cuerpo-memoria en la espiral del tiempo, bajo la guía de la sierra de Miaba y su Tierra Roja, de Leda Martins, Nêgo Bispo, Ailton Krenak, de los maestros de terreiros, de pueblos, de quilombos, de reisado, de patios traseros y también de la universidad, de la fuerza de todo lo que está vivo y se empeña en vivir. Un cuerpo-memoria-población que se inscribe desde un lugar-lucha-escucha-escritura con sueños-azada en mano por la reforestación de la educación y la universidad. De un asombro devastador ante el paisaje moderno-colonial, se recuperan fuerzas siguiendo la descomposición de hojas y ramas en el río de la memoria, el poder heterogenético de los microorganismos en la articulación, la recomposición de raíces y ramas de una gramática onírica de un Pindorama que insiste en brotar en el cemento de estos tiempos y espacios académicos.

Palabras clave: Universidad; Conocimiento; Colonialidad; Cuerpo; Memoria; Oralidad.

LISTA DE RETRATOS

- Retrato 1 – Serra da Miaba
- Retrato 2 – Itnerâncias
- Retrato 3 – Canto abafado
- Retrato 4 – Desabamento do céu
- Retrato 5 – Catequização
- Retrato 6 – A igreja na aldeia
- Retrato 7 – (Re)encontro
- Retrato 8 – Retomada
- Retrato 9 – Desenvolvimento
- Retrato 10 – Desenvolvimento
- Retrato 11 – Herança
- Retrato 12 – Conhecimento
- Retrato 13 – Ciranda encantada
- Retrato 14 – Árvore-anciã-curumin
- Retrato 15 – Minha primeira professora
- Retrato 16 – Anciãs mais que humanas
- Retarto 17 – Anciãs mais que humanas
- Retrato 18 – Anciãs mais que humanas
- Retrato 19 – Quintal-mundo
- Retrato 20 – Brincar de desaprender
- Retrato 21 – Festa de Criança
- Retrato 22 – Miaba na mira
- Retrato 23 – Miaba no papel morto
- Retrato 24 – Luta ancestral
- Retrato 25 – Paz e guerra
- Retrato 26 – Luta coletiva

SUMÁRIO

1- Voltar de onde não saiu: memórias-<i>mbiaba</i>	12
2- Uma poética da terra	22
2.1. Melhor se perder nas matas que nos mapas. De todo modo, daremos o fumo ..	23
2.2. Fazer povo para descarregar a universidade de sua colonialidade	28
2.3. (Cosmo)política de escrita	30
3- O céu está a desabar. não estás vendo?	35
3.1. Se não <i>alguém, alheio?</i>	41
3.2. De quantas mortes se faz o desenvolvimento	43
3.3. Com quantas mortes se faz uma língua?	50
3.4. Com quantas mortes se faz o capitalismo moderno-colonial? E o que uma pesquisa e um(a/e) pesquisador(a/e) têm a ver com isso?	55
3.5. Com quantas mortes se faz o conhecimento científico monopensante?	60
4- Cantar na roda, rodar na gira, sustentar o céu e sonhar (velhos) mundos	67
4.1. As curvas espiralares do tempo semeando envolvimento	70
4.2. Ciranda de <i>Dizências</i> . Corpo-língua-memória-território indomável	75
4.3. Brincar epistemes de corpo, pintado-as de urucum	82
5- Para seguir às voltas com uma questão-vida	86
6- Referências	94

1- VOLTAR DE ONDE NÃO SAIU: MEMÓRIAS-*MBIABA*

Retrato 1 – Serra da Miaba



Fonte: Arquivo pessoal.²

² Retrato 1 - Serra da Miaba no inverno de 2023, numa das idas e voltas ao pé da serra, no Povoado Terra Vermelha (Campo do Brito/Sergipe), onde vive meu povo.

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra propícia estação
A fecundar o chão³.*

Onde começa uma pesquisa? Onde inicia uma questão? Diria que essa desenhada aqui já perambula pelos quatro cantos há algum tempo, antes mesmo de caminhar por entre os muros da universidade. Mas, afinal de contas, onde é começo/início? O tempo aqui experimentado é um cruzo, travesso, brincante, que faz estripulia na linearidade, fazendo voltas, curvas, espirais. Nesse compassar, “o tempo é uma ontologia, uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos” (Martins, 2021, p. 21). Pois bem, partindo do meio [início, meio, início], continuo uma cantação de tempo que bailarina no corpo, passando por aqui e por mais um tanto de lugares num mesmo instante. Também pela Miaba, de onde vim, de onde nunca saí. Assim, a escritura e a inscrição dessa pesquisa inerentemente memora um corpo-miaba, o corpo-pesquisa, o corpo-pesquisadora.

Lá em criança, rodopiando pelos pés da Serra da Miaba, escutava pelos quatro cantos: “*Se vocês quiserem ser alguém na vida, terão que estudar, porque pra pobre não tem outro caminho que possa mudar a vida, se não estudar ou roubar*”. Até hoje quando volto, é uma das frases mais escutadas, com uma diferença, roubar não é mais dito enquanto opção, talvez pela expansão da criminalidade por lá nos últimos anos, assim como o encarceramento, especialmente de pobre preto.

Tendo escolhido estudar, tropecei de cara na falta de sentido. Estava lá sentada, enfileirada, olhando o quadro verde, copiando no caderno o que nem entendia. Embora aprendesse mesmo era quando ia à roça com mainha, as irmãs dela, minhas tias e vó Ita, elas nem me deixavam pegar na enxada; era para me dedicar a estudar e não a lidar com roça. “Aprender” entre paredes, dócil e duramente sentada naquelas cadeiras, parecia uma contradição. Lembro como se houvera acontecido ontem, quando escapava uma fresta de luz por alguma fissura das janelas ou paredes, o feixe me levava, naquele instante, me fazia onipresente, criando outros tantos mundos, bem longe daquele, cheios de graça, cores, movimentos.

Já era idade de ir para a escola e com frequência regular para não perder o que, na época, chamava bolsa família (era a renda fixa que minha família podia contar, assim como muitas outras do povoado). A partir de então, passava a brincar (o que mais gostava de viver) somente

³ Cio da terra, composição de Chico Buarque e Milton Nascimento, de 1972.

nos tempos em que não estava na escola ou na banca, ou ainda que não tivesse que ajudar mainha nas tarefas de casa ou raspar mandioca na casa de farinha. A vida que antes era dedicada a (simples)mente brincar e às tarefas que também fazia feito brincadeira, agora brincava, somente, com os tempos que r-e-s-t-a-v-a-m. O resto, era algum subversivo instante num pedaço da noite, enquanto fugia das atividades da escola e teimava em fingir não escutar as xingas de vó Ita indo na porta de 10 em 10 minutos gritar: “*Isso é hora de menina tá na rua? Isso é coisa de moleque macho. Menina mulher é pra tá em casa*”. Aquela frase, ainda hoje, é uma sentença explícita de sentidos de nossa constituição etarizada e generificada. Quando ela dizia “moleque macho” e “menina mulher”, macho e mulher pareciam se colocar nas frases como adjetivos para lembrar que eu não era “só menina” e que havia um projeto-manual onde nem meninas, como fui, nem mulheres, como sou, têm direito à rua. Algo que não podia ser esquecido - nem na/de brincadeira.

De sobressalto, solucionar aquela questão de vó parecia simples: e se eu tivesse nascido com “pau” entre as pernas? Seria, então, o “pau” que me faria menino e, por sua vez, livre a brincar pelas ruas? O que você acha disso; “pau” como sinônimo de poder sentir o calor ou o frescor da rua? Sei que esse desejo me perseguiu em criança e adolescência. Não, eu não queria ter um pênis ou mesmo que isso pudesse dizer o que é um menino, queria o “pau” - o poder, o direito à rua! Pensar que viver seria bem diferente se eu fosse vista como aqueles meninos, vestindo seu gênero, numa operação político-cultural. Em vários momentos, eu até fingia, me misturava entre eles, me confundia entre eles, mas eles não, nunca esqueciam que eu era uma menina.

Então, naquela de “estudar pra ser *alguém* na vida”, segui colecionando cansaço e frustração, anuviada no sentido daquela frase que não saía da boca de mainha e de minhas tias; com aquela ideia de ser aquele tal *alguém* (ao menos esse *alguém* pudesse ter um “pau” e direito à rua...). Mas, nós já não eramos gente? Ser *alguém* seria diferente de ser gente? Quem nasce em Terra Vermelha é o quê, se não gente⁴? Nessa história toda, fui precisando ser tantas outras, talvez menos gente, como que para me igualar a esse *alguém* (forma-Homem civilizado por meio da escolarização) para demonstrar que sabia das coisas. Falava até de outro jeito, porque o sotaque terrado do interior-do-interior parecia dizer de ignorância e não saber ou de menos conhecimento. Assim fui mudando, algumas vezes sem nem perceber. Mainha, de vez em quando, era quem dizia: “*por que tu tá falando assim, menina?*”. Que língua se deve ter para

⁴ Referência à pergunta feita pela mulher ‘estrangeira’ a um menino no filme brasileiro Bacurau, de 2019, dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Ao perguntar “*Quem nasce em Bacurau é o quê?*”, um menino, como quem não quer nada, lhe responde: “*Gente!*”.

ser *alguém*? Com qual sotaque esse *alguém* fala? O que tinha visto até ali era que, para ser *alguém*, eu precisaria ser menos dali, de onde meu umbigo estava plantado, da Miaba. A escola me instruíra que lá fora precisaria ser outra e, assim, com “sorte”, *alguém*.

Certamente por isso é que na escola não aprendíamos sobre a história de nossa cidade, tampouco de nosso povoado. Por outro lado, já sabíamos onde era a Europa no mapa, os estados do sul e sudeste do país, enquanto as novelas e os jornais da TV nos ensinavam seu sotaque ‘universal’. Já tínhamos aula de inglês. Alfabetizada nas duas línguas colonizadoras, enquanto aprendia o português, era ensinada de que a maneira como mainha, painho, vó e vô falavam era errado e seus sotaques eram feios – chamavam de jeito matuto. Então, eu, escolarizada e alfabetizada, tinha como dever domar aquela língua, educá-la.

Talvez o pior crime que o colonialismo cometeu em nosso país, que na verdade cometeu em todas as ex-colônias, seja o sistema educacional. Isso porque aquele sistema era usado para ensinar ao nosso povo uma atitude de ódio a si mesmo, para fazê-lo abandonar nossa história, nossa cultura, nossos valores. Para fazê-lo aceitar os princípios da superioridade branca, destruir nossa confiança, reprimir nossa criatividade, perpetuar em nossa sociedade os privilégios e as diferenças de classe. Os senhores colonialistas perceberam bastante depressa que, se conseguissem que um povo subjugado pensasse como eles, esquecesse sua própria história e sua própria cultura, [...] então eles já teriam concluído o trabalho de nos manter sob dominação e exploração perpétuas. (Davis, 2016, p. 161)

Pois bem, uma coisa bem cedo aprendi, conhecer aquilo perto da gente pode ser de veras perigoso para os extrativistas, aqueles que se beneficiam de tudo o que chamam de “recursos naturais”, o que, para viventes do território, são vida coabitantes. Juntamente com a instalação de um brutalismo⁵ educacional, um modo de vida plantado na terra com tudo que ali é vivo vai mingando. Extrai-se a força vital das águas, da terra, das indígenas, das mulheres, das crianças; uma extração contínua pela transformação de tudo em “matéria-prima”, “recurso natural” de uma região colonizada, monocultura da terra, dos corpos e do pensamento (Núñez, 2021); destruição de mananciais, ecossistemas, estuários de vida; tudo tomado à força, força em combustão.

Vivíamos ao pé da Serra⁶ da Miaba, porém, quase nunca subíamos lá, ainda que a todo tempo nos relacionássemos com ela. Ela era nossa paisagem⁷, nosso horizonte. Quando criança, acreditava que a China ficava atrás da Miaba. Aquele era o mundo que eu conhecia e, como

⁵ Em diálogo com o conceito de brutalismo de Mbembe (2021).

⁶ Aprendi nos livros de geografia que uma serra é uma formação geográfica caracterizada por uma elevação natural da superfície terrestre, geralmente com uma forma longa e estreita, composta por colinas e montanhas, formando uma cadeia montanhosa. Antes disso, aquém e além, aprendi com um corpo vivo em composição com aquele relevo vivo, que a Miaba me abrigava, me abraçava.

⁷ Paisagem, conceito geográfico que designa uma parte do território tal como é concebido por sua população humana, cujo ‘caráter’ resulta de sua relação com outros viventes.

diziam que do outro lado do globo estava a China, eu a imaginava escondida nas costas da Miaba. Esta Serra é composta por algumas três montanhas mais altas e outras menores que vão se diluindo no horizonte. Nas três maiores, víamos rostos, olhos, bocas, víamos expressões que mudavam de tempo em tempo. Caminhando por todo o povoado é possível ter a vista da Miaba. A relação com a ela é cotidiana.

Ainda que mantendo com ela uma relação a ponto de perceber expressões diferentes, nunca havia perguntado de onde vinha seu nome. Foi quando fui para longe que senti a necessidade, então soube: vem do Tupi *Mbiaba*, significa “a prisão” ou “o esconderijo”⁸. Por que então não aprendíamos a língua indígena da qual deu origem ao nome Miaba? Viviam indígenas ali dos quais não conhecíamos suas histórias? A Miaba era esconderijo ou prisão para que(m)? Que(m) conta essa história?

O que pode acontecer com um povo que conhece as histórias de resistência e luta dos que vieram antes, em vez das histórias que glorificam a colonização como salvação e a civilidade como evolução? Roubar de nós a possibilidade de conhecer as histórias de resistência dos povos indígenas e africanos, e das violências brutais dos europeus faz parte de um projeto de civilização. Somos crianças demais para conhecer a violência da escravização colonial, mas não para ouvir as histórias dos colonizadores como “descobridores”, “salvadores” de povos indígenas vistos por eles como selvagens; nomeados por eles como ‘primitivos’, no sentido de atrasados e não de os primeiros dessas terras.

As histórias que conheci na escola sobre os povos originários daqui foram aquelas consideradas lendas, folclorizadas, vestidas de exotocidades. A cada abril, vinha uma coisa diferente, mas que dizia do mesmo lugar, maquetes com ocas feitas com argila, crianças vestidas ao modo como reproduziram ser Saci, Curupira, Sereia, “Índio”. O modo como eram representadas e contadas as ditas lendas não dava margem para pensar suas vidas e histórias perto de nós, em nós. Só no terceiro ano do ensino médio tive acesso a um livro com histórias de uma etnia indígena narrada pelo próprio povo. Ali pude sentir o pulsar da vida e reconhecer aquele povo como um dos grupos originários desse continente e as singularidades de seus modos de vida a plantar, aqui em mim e nesse texto, uma terra não apequenada e saqueada pela moral moderno-colonial.

Por outro lado, em 7 de setembro, ouvíamos falar de uma tal independência do Brasil, glorificando a invasão. As representações nos desfiles cívicos de pelotões militares, as meninas de pele mais clara da escola colocadas para representar as sinhazinhas com vestidos pomposos,

⁸ Disponível em: <https://www.blogprimeiramao.com.br/serra-da-miaba-um-patrimonio-natural-no-agreste-sergipano/>. Acesso em 19 de Mar. de 2024.

cheios de camadas volumosas, rendados, cabelos com peteados de cachos diferentes dos cachos naturais de seus cabelos, outras crianças vestidas de anjos, missionários; as que não eram escolhidas para algum pelotão que achavam adequar, desfilavam com a farda da escola. A escola fazia questão de encenar a invasão com as histórias de “descoberta”, assim como marcar o lugar que cada criança deveria estar. Era considerado um grande evento não só na escola, como no povoado. Era o único evento que ocorria com a escola saindo dos muros, levando suas grades para marchar nas principais estradas do lugarejo. Só anos depois, soube que a data era um feriado “cívico”, não só na escola, como até então acreditava, mas no país inteiro, e contando a mesma história.

Entre aqui e acolá, já não acreditava mais nessa história, naquela coisa de ser “*alguém* na vida”. Eu era uma das poucas pessoas brancas das turmas, dava para contar numa mão. Via gente minha, em sua maioria de pele negra, abandonarem a escola por fugirem (para casar, já que no interior uma coisa é sinônimo de outra e, por vezes, ainda, diz da única possibilidade de experimentar uma outra coisa na vida). Algumas amigas de infância haviam engravidado e/ou precisavam ajudar suas famílias. Não tinham tempo para ver no que aquela frase daria, e em que momento é que ela daria em algo. Afinal de contas, quanto tempo tem quem a sina parece ser sobreviver? Tem tempo para tornar-se *alguém*? A que(m) serve a apatia e a anestesia produzidas em estudantes e educadoras nas escolas públicas?

Minha suspeita era que, de algum modo, havia um projeto nas escolas, algo de padronização, anestesia, dopagem e alienação, algo que se dedicava ao desencantamento que, somado a um tanto de outros fatores, provocava evasão. Hoje eu sei bem o porquê das escolas não funcionarem para o que eu gostaria naquela época e funcionarem muito bem aos projetos político-pedagógicos de empobrecimento e educação “moral e cívica”, sem criticidade e rumo ao embranquecimento com utilidade produtiva e docilidade política do que se costuma chamar de “massa” (recurso “natural”, matéria-prima para a ordem e o progresso da civilização brasileira).

Em diversos momentos, o pensamento de “desistir da escola” me perseguia. Mas, como incorporei a teimosia como herança de minha vó, segui para ver no que daria. Havia um motivo compartilhado em teimar. Minha e minhas tias haviam sido proibidas de estudar por meu vô. Ele dizia que escola só servia para as meninas escreverem cartas para namoradinhos, por isso, em vez de irem para escola, elas iam para roça trabalhar. Elas ainda carregam consigo o sonho (não realizado), transformado em raiva, por meu avô não as terem deixado estudar, nem ao menos conhecer aquela coisa de “ser *alguém*”. Então, eu seguia teimando, não só por mim, mas também por elas. Ali, na escola, era sobre usar do caminho dado para produzir rompimento, um

desvio ou para ao menos encontrar, cara a cara, com aquela máquina de fazer “ser *alguém*”. (Já)nela, vivia a escapular. Assim, segui com/por elas e entre elas; mainha, tia Valdice, tia Nete, vó Ita e tantas outras as quais lhes fora negado conhecer o desejo, aliás, a possibilidade de que pudesse desejar heterogenicamente, de acompanhar uma deriva desejan-te.

Depois de suportar anos dos descasos da escola pública, cheguei na universidade. Então, pensei imediatamente: será que agora, enfim, é que serei “*alguém na vida*”? Será que a teimosia que me conduziu até ali ainda daria conta de me mover por mais cinco anos? O que sabia é que não estava sozinha e que a teimosia não era só minha. Ainda revirava as aulas e as salas da universidade a procurar o que pudesse dar pistas daquilo de ser “*alguém na vida*”. Dedicava-me naquela caça com tanta veemência que não me durava em conversas no ônibus entre idas e vindas, nos corredores, na cantina ou nos pontos de espera. Estava obcecada por ser “*alguém na vida*”.

C - A - N - S - E - I.

Cansei. Voltei a brincar. Já não me preocupava tanto as “boas maneiras”, estar na sala antes da(a/e) professor(a/e) dar início à aula, prestar atenção c-o-p-i-o-s-a-m-e-n-t-e. Já ensaiava sair se a aula não fizesse sentido algum; falar, discordar, manifestar, mesmo que tremendo e por isso mesmo. A sala de aula, assim como as tecnologias de escolarização, são laboratórios de operacionalização do medo: medo de errar, medo de falar, medo de quem fala, medo, medo, medo... Quem, nesses espaços, normalmente está com a fala? Sobre o que/quem esses conhecimentos (colonizadores e colonizados) dizem?

D-E-S-P-R-E-N-D-I.

Despreendi-me da forma-Homem, da lógica civilizatória, dicomotizante e hierarquizante macho-(fêmea); adulto-(criança); branco-(negro, amarelo, vermelho); razoável-(animal). O que era mesmo que uma menina-mulher não podia fazer? O que é uma menina-mulher? E foi assim que voltei a brincar, inclusive brincar de saber(es).

Descarregada das “boas maneiras”, passei a sentir menos frio naquelas salas geladas; mesmo vivendo numa terra de calor escaldante, a sala era fria, de uma frieza em sua disposição e modo de funcionamento. Mas, ali, nas bordas, no entre-mundos, nas fronteiras das salas, dos corredores, das esperas do ônibus, outros sentidos encarnaram, outras memórias tomaram corpo, outras (des)aprendizagens. Passava a enxergar mais de perto, olho no olho, sem vidros no meio; com olhos desnudos, escutando com o corpo, abrindo os poros, deixei os encontros me perderem enquanto percorria a pele e atravessava a superfície, coabitando territórios existenciais. Desde então, sair ilesa não era mais opção; me perdia enquanto fabulava um corpo-aprendiz-memória flechado por afetos, pelas forças moventes do mundo. Cada buraco, cada

fissura me distanciava mais e mais do desejo de ser “*alguém* na vida”. De quantos silêncios e apatias em nome dos bons costumes se constrói “*alguém* na vida”?

Segui na psicologia enquanto transitava nas bordas, brincando, pintando fora dos limites, acompanhando a movência do desejo, tecendo espaços-tempos bem diferentes daqueles nos quais eu havia outrora passado – aqueles tão colonizados. Aquela frieza e luz intensamente branca sobre as cabeças diziam da assepsia institucionalizada, não permitiam a entrada de outras narrativas, vivências, ciências. Eu passaria meia década dedicada a encontrar brechas diante dos absurdos e do brutalismo da ciência moderna-colonial euro-cristã monoteísta domadora, educadora; a encontrar passagens para não desejar, ou desejar um pouco menos ser *alguém*, psicóloga, agente domadora de existências, coadunando com o mesmo projeto político-pedagógico-psíquico, reiterado por meio de (minhas próprias) práticas o projeto de extermínio neoliberal a partir de um conjunto de técnicas de governabilidade. Berenice Bento (2018) conceitua como necrobiopoder esse modo de gestão (pelo extermínio brutal de tudo que é considerado outro) do Estado-Nação. A autora assinala que o Estado - não só ele, mas sempre ele - governa para “dar a vida” e “dar a morte”, logo, “algumas pessoas nascem para viver e outras tornam-se vidas matáveis pelo estado” (Ibid., p. 3-4). Nesse cenário, quais os meios para “ser *alguém* na vida” quando é cabido ao Estado-nação a decisão sobre a vida, suas condições e a própria morte? A que tipo de gente cabe ser *alguém*?

Não obstante, a ciência segue por ser colonial, arregimentada por aulas ministradas por gente branca, teorizada por homens, europeus e norte-americanos, em sua gigantesca maioria. Pois bem, aqui estamos escrevendo, eu e um bando de gente, humana e mais que humana - é assim que Rufino (2023) se refere às florestas, rios, animais, aos tempos, aos mortos, aos tambores, às encruzadas, encantarias, tudo que vive aquém e para além do humano -. Um bando de gente escreve e se inscreve nas entranhas montanhosas desse texto; um texto escrito com/por cicatrizes, marcas, relevos, linhas tortas de revolta à colonização que insiste em se apropriar dos corpos, da memória, das vidas. Enquanto isso, dançamos, cantamos e contamos histórias num germinar de contracolonização (Bispo, 2022). Contrapondo uma organização teórico-metodológica-política que venha se dar a partir de teóricos europeus, apostamos na lógica de emancipação de povos e comunidades tradicionais a partir de seus saberes e fazeres, seus modos de dizer e sentir, de suas relações com as imagens de mundo, suas narrativas, ciências, histórias vivas. Desse modo, “contracolonizar não é colocar mais cimento nas rachaduras de si, é festejar seu desabamento” (Núñez, 2022, p. 24). Germinemos, desabemos!

Aqui, na universidade, minha sustentação - pelo desabamento - segue sendo a teimosia, agora, também com (ar)dor – desde que conheci, carrego para onde vou –, com uma diferença,

é que a teimosia fez amizade com o desejo. E, sabe aquela ideia de “estudar para ser *alguém* na vida”? Quero insistir nela para explodi-la, assim como as salas de aulas “limpinhas” por assepsia, e o que mais não puder ser habitado pelos povos (trans)*bordares*. O jogo é esse: descarregar o projeto de educação-civilização (Veiga, 2002) na encruzilhada dos saberes de povos das matas, das águas, indígenas, quilombolas, tensionando uma outra invasão. Se a cidade universitária e o corpo estudantil foi feito pelo veto, pela desvalorização, pela deslegitimação dos povos, seu corpo, seus saberes-corpo, seus corpos-memória, suas epistemes, seus conhecimentos, cosmovisões, ritos. Se for para sofrermos invasões, que seja essa:

[...] uma invasão gentil, porque ela é feita por pessoas que te amam: sua avó, seu pai, sua mãe, seus ancestrais... confundindo a sua individualidade e interpondo uma consciência plural de uma pessoa que descobre que tem superpoderes. O que são esses superpoderes? Fazer um parto, fazer uma cura, fazer um canto, fazer chover, fazer parar de chover, dançar, cantar, experimentar o fluxo com tudo o que é vivo, quase que ensaiando uma dança cósmica, admitindo a possibilidade de que a gente transcende em corpo. A gente não precisa transcender extra-corpo, a gente pode transcender em corpo, sendo corpo-memória. (Krenak, 2023, p.4)

Assim é que se inicia a feitoria desse corpo-pesquisa, marcando-se de tempo, de encontros, de histórias, desenhando táticas de contracolônização na universidade pelo seu povoamento com saberes, memórias, histórias outras da gente de Pindorama - *território das palmeiras*. É o nome dessa terra, desde antes dos europeus aqui aportarem. Dentre tantas questões que já se moveram até esse ponto da escrita, trago as que continuam a perambular: Qual conhecimento aprendemos e reproduzimos? A que(m) serve (nossos) conhecimentos? De quantas mortes se faz a cultura escolar e universitária? De quantas mortes se faz o conhecimento científico? É possível produzir conhecimento acadêmico que faça frente ao projeto neoliberal (re)colonizatório, civilizatório euro-cristão monoteísta hegemônico? Como resistir à (nossa) branquitude?

Por entre perguntas, tracejamos um corpo-brincante que corre mata a dentro catando as folhas para compor uma pesquisa dizente/encarnada/encantada de memórias. Uma pesquisa que solte o corpo para dançar numa ciranda de dizências de mestras e mestres de terreiro, de aldeias, de quilombos, de reisado, também da universidade, aquelas e aqueles que ali fazem fronteira, escarafunchando memórias inventadas pelo projeto colonial civiliza-dor, memórias (re)produzidas pela escolarização civilizatória.

“Escrevo para não morrer e para não matar” (Brum, 2021, p. 279); escrevemos para experimentar dizer do indizível. Ela, a escrita acadêmica, muitas vezes utilizada para matar e aprisionar, pode ela ter carne, estômago, boca, mão, pé, vísceras, lombriga? Pode uma pesquisa

na universidade brincar? Vim passar pela universidade brincando, naquela de dessecar a ideia de ser *alguém*, pesquisar/escrever/(com)por desde aqui, com nossos povos, desde perto do mar às altitudes da Miaba, da terra arenosa ao barro deslizante, desde o céu mais azul de um verão ardente ao céu cinza que é sinal de inverno abundante, por uma poética da terra. Essa pesquisa teima também em escrever com sotaque nordestino do interior-do-interior de Sergipe. E, assim, dizer de um pedaço de nordeste tão grandioso e diverso tentado incessantemente à homogeneização. Brincar nessas telas brancas na companhia de uma ‘ruma de gente’, pintar de barro a lucidez academicista formatada na racionalidade moderna. A academia vai ter que nos aguentar rimar, é que os ventos passam por aqui soprando poesia. Em (re)existência e ardência. Avancemos!

1- UMA POÉTICA DA TERRA

Retrato 2 - Itinerâncias



Fonte: Arquivo pessoal⁹.

⁹ Retrato 2 - uma atividade proposta numa extensão acadêmica nomeada de Itinerâncias (2023). A consigna era desenhar cartografias e jeitos outros de pesquisar, numa composição de discentes da graduação de psicologia e pós-graduação de psicologia e educação da Universidade Federal de Sergipe.

2.1. Melhor se perder nas matas que nos mapas. De todo modo, daremos o fumo.

No processo de aproximação com a aldeia indígena do povo Kariri Xocó em 2019, numa busca por algum entendimento de minha ancestralidade, como também dos tons, sons, sabores, relevos e vozes de Pindorama a partir dos originários daqui, me vi algumas vezes anuviada com um modo de pensar do colonizador que eu via na escola, na televisão em propagandas, na igreja católica. A terceira vez que estive na aldeia foi para uma pajelança de iniciação no instrumento do *pawi* e na ciência do fumo (ou tabaco). Numa noite de lua e céu estrelado, ao entorno de uma fogueira, o pajé narrava detalhadamente o sentido do *pawi* e do fumo para seu povo, passando pela feitoria do *pawi* por algum parente com manejo em tal arte, assim como quais árvores daquela região são propícias para cada parte do *pawi*. Contava o que precisávamos saber naquele momento, sobre a ciência do fumo, assim como por que o fumo e não outra planta, numa mistura avivada pelos elementos água, ar, fogo e terra.

Lá fora, havia conhecido o fumo por cigarro, e o *pawi* por cachimbo, e fui ensinada a manter distância de ambos. Ali na aldeia aprendia sobre o *pawi* como instrumento de comunicação, numa encantaria com a medicina do tabaco para levar as intenções por meio do ar para o grande espírito, *Warakidzã*. A instrução foi precisa: “*fumaça não se prende, não se guarda dentro do corpo, fumaça se sopra junto com o que quer dizer/comunicar*”. Enquanto ouvia o pajé, sentia meu corpo se ‘bulinar’. O que me tinha sido ensinado sobre os malefícios do tabaco explodia ali no (meu) corpo, sentia a pele romper e esticar, uma criança se relacionando com o que aviva o corpo, uma velha a tecer um corpo-memória (Krenak, 2023). Em cascata, vinham memórias de minha avó mastigando fumo ao menos duas vezes ao dia e só depois saber que ela havia cachimbado; memórias das vezes que fui ao terreiro e via as pretas e os pretovelhos fumando e cuidando das pessoas com a fumaça do cachimbo.

Minha avó cachimbava e usava o fumo para rezar. Quando eu era pequena, tinha muita dor de barriga e minha avó sempre rezava para a dor passar. Ela também pisava o fumo e passava na nossa barriga para tirar a dor. [...] O fumo também serve para dar para a Caipora. Se não der o fumo, o caçador se perde nas matas. (Pataxó, 2022, p. 68-69)

A colonialidade¹⁰ cotidianamente tenta adestrar coisas, sentidos, imaginários, mas as memórias são contracolônizatórias, selvagens, indomáveis, elas passam como a fumaça. A

¹⁰ O período colonial não se encerrou com a ‘independência’ das colônias. Toda uma geopolítica e economia colonizatória de expropriação territorial, corporal, dos modos de vida e saberes da gente originária dessa terra e dos escravizados trazidos de África, modula-se, permanecendo em funcionamento. A modernidade é colonial, a economia neoliberal é colonial (Mignolo, 2017).

partir daí, “aprendi a não perder nenhuma chance de me perder” (Brum, 2021, p. 16). “Desestruturar-se é arriscado, porque uma vez que acontece não há retorno. Significa que você já não pode se conformar a uma estrutura de pensamento único. E com isso, jamais voltará a se sentir confortável, talvez nem mesmo poderá voltar a ser coerente” (Ibid., p. 15).

Com a pandemia de Covid-19, retornei à aldeia só em 2023. Desprendida de alguma vinculação com a universidade, como de todas as outras vezes, estava lá ventada pelos caminhos de cuidado com a ancestralidade. Estando lá, me dei conta da germinação de um corpo-pesquisadora, não pelos protocolos acadêmicos, mas tentando dar conta daquela pesquisa de vida.

A vida de uma pesquisa é algo intrigante. Sujeita à sorte, ao tempo, aos lugares, à hora, ao perigo. O imprevisto vem sempre turbilhona-la. Pesquisar talvez seja mesmo ir por dentro da chuva, pelo meio de um oceano, sem guarda-chuva, sem barco. [...] é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder. No meio do caminho, irrompem muitos universos díspares provocadores de perplexidade, surpresas. (Meyer; Paraíso, 2012, p. 279)

Meu corpo ali na aldeia, ciranda de territórios, existências, resistência, povoação contracolonizante, afluyente de confluências, dizia tanto da pesquisa em andamento também na universidade. Ainda que não estivesse lá pela pesquisa, a pesquisa estava lá, aquém e para além de mim, em outro tempo, mas ali. Tempo que não cabe num mestrado. Afinal, a pesquisa vai além de si mesma, extrapola as bordas, transborda. É possível chegar em campo sem o crivo de pesquisadora titulada a partir da universidade? Quando digo isso, não estou dizendo do corpo-pesquisadora - corpo atento, curioso, inventivo. Falo de outro corpo, o corpo soberbo vestido de academicismos, o corpo que chega hipertrofiado por teorias brancas que buscam dizer dos territórios antes que os territórios e viventes digam por si. Pois bem, qual língua se fala e qual(is) língua(s) se entende quando se chega nos territórios como agente da universidade? Como agente da mesma universidade construída sob a lógica de que as pessoas se tornam *alguém* somente a partir dos conhecimentos que são nela e por ela produzidos? Aquela antiga e recém história de passar pela escolarização para ser “*alguém* na vida”. E onde estão os saberes e conhecimentos criados para além da monocultura universitária? Quais sentidos a universidade tem produzido dessas outras sabedorias e ciências?

Dei-me conta da pesquisadora, tecendo um plano de vida comum com os povos originários e as vidas mais que humanas (Rufino, 2023), tensionada pelo risco da rigidez protocolar acadêmica que nomeia e solicita o sujeito (humano, branco, senhor) do conhecimento. Em se tratando de uma mulher branca chegando na aldeia, há que pisar vagarosamente, ser estranha – especialmente de si mesmas -, admitir o não saber, não ser dali,

disponibilizando-se a outros modos de vida, a escutar mais que falar, estranhar a civilidade escolarizante euro-cristã monoteísta (nos) instruída, abrindo os poros para o desprendimento e a expansão do que havia imaginado sobre aqueles povos, reflorestando o corpo de memórias outras. Por entre espantos e encantos crianceiros, arrisco um escutar e ver pela primeira vez (início, meio, início, lembram?). Meu corpo é transpassado pela flecha da lembrança, numa sensação de abraço um tanto familiar, um afago da terra, sob os limites de não ser dali e tatear/escutar/enxergar até onde ir, esperando a permissão de quem é dali que pode chegar num olhar falante, arremessado feito lança – há que se estar atenta, o que significa permitir-se experimentar um outro regime atencional. A paisagem não é mais a mesma, o horizonte do corpo-memória-*mbiaba* contrai-se e expande-se. A serra fala comigo, ela (me) pesquisa.

Pisar manso e ao mesmo tempo estar disponível a afetações é uma atitude atencional que pede por tirar dos pés as borrachas isolantes, descalçá-los. Tocar a terra de pés descalços. Plantar-se. Ser reconhecida desde a terra. A serra e a pesquisa me olham. Como humana e branca, tenho uma dívida e, com ela, a necessidade vital de reparação diante da herança extrativista violentamente projetada, a qual ainda estrutura uma lógica pactual de privilégios (Bento, 2022). Assim, num descolar-se por desvio, sem se furtar ao compromisso de alguma reparação possível, a pesquisa faz-se corpo em luta com os povos, com os viventes que seguem expropriados pela lógica colonial, extrativista, sanguinária. Dessa maneira, há que se dispor inevitavelmente a sermos feridas pela flecha do desejo da terra, a nos descolarmos de toda uma história, uma memória, um modo de viver colonizador.

“O que ouvimos é um ‘eu’ coletivo [...] movido pelo desejo ao mesmo tempo intelectual, estético e político de revelar o saber cosmológico e a história trágica dos seus aos brancos dispostos a escutá-lo” (Kopenawa; Bruce, 2015, p. 539). O que se deseja, por meio da pesquisa, é compor com territórios de vida dos povos originários e comunidades tradicionais, engajar-se neles. Por isso, essa questão é imprescindível: “é possível conhecer sem se colocar na posição do ‘saber sobre’?” (Alvarez; Passos, 2009, p.143). “O processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo” (Ibid., p. 135), requer se colocar em posição de corpo-aprendiz que aventura a se perder com o cultivo de uma experiência de coabitação. “Conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras” (Ibid., p. 149). Estranhar-se para dar passagem a forças germinativas adentrando as entranhas de uma cartografia montanhosa por meio de um olhar e um narrar desabitado e avivado por experimentações com povos e viventes da terra, de suas florestas e suas águas. Com povos, fazer povo, arrebatada pela experiência da contação, acompanhada de gestos, ecos, outramentos.

Não sabia bem como me comportar diante das mulheres mais jovens ou com as mais velhas. Não sabia onde sentar, se podia sentar, por onde poderia circular (se dentro ou fora da casa), qual linguagem utilizar, como me comportar diante das práticas alimentares e outras manifestações culturais. Nessas experiências, vi que minhas referências socioculturais pertinentes à organização social ocidental não eram utilizadas ali. (Lisbôa, 2022, p. 24)

O estranhamento aqui pede corpo-território, caminho, ao mesmo tempo que desvio por um entranhar-se na terra e nos modos de vida dos povos e comunidades tradicionais e, assim, revirar as próprias entranhas. A problematização, a persistência com um problema, “para além das soluções que eventualmente venha a receber” (Fonseca; Nascimento; Maraschin, 2012, p. 189) é a flechada de estranhamento-entranhamento que dá passagem à constituição de novos olhares, novos mundos pelo rememorar ancestral; olhares e mundos que fazem furos na lógica colonizatória. Essa é a proposta metodológica das flechadas contra-colonizadoras: produzir e multiplicar histórias, memórias e corpo por meio de restos e rastros que compõem o cotidiano colonizado e civilizatório da universidade. Estranhando a familiaridade do que se cria no âmbito do sujeito de conhecimento branco, fazer do hábito uma experimentação. Incorporar o estranhamento como desaceleração e desabituação da rotina universitária anestesiante.

[...] parece ser preciso irrigar [...] com virtualidades desconhecidas para que o já conhecido não vire uma camisa de força, para se criarem muitos modos de pesquisar em educação, os mais diversos, variados, desconectados e até disparatados. Simplesmente, para que a pesquisa em educação possa bailar. (Meyer; Paraíso, 2012, p. 279-280)

De corpo virado, dobramos a esquina da linearidade acadêmica. Tecendo escrita de corpo, escrita-corpo, pele-escrita, desse jeito, escrevo de corpo avessado, com palavras descalças, incorporadas de memórias e histórias vivas, desenhadas e narradas numa ciranda de *dizências* que nos acompanham, fazendo curva nos caminhos retos indicativos de corpo-pesquisadora (neutro), de uma escrita científica, fragmentária, sem corpo, sem memória. “O Kopenawa Yanomami dá um toque para gente: ele diz que tem gente que vive com o pensamento cheio de esquecimento” (Krenak, 2023, p.3). Do que um corpo flechado por uma problematização contracolonizadora é capaz de lembrar? O que esse corpo-pesquisa é capaz de compor?

E, assim, aduba-se o solo da pesquisa com uma ética: não mais proteger o corpo-pesquisadora das flechadas de afetação pelas forças germinativas do mundo; compor um corpo poroso aos encontros com o oxigênio, as palavras abundantes, as encruzadas; ouvir a voz das águas, dos ventos, das mestras e dos mestres populares, cultivar olhos de escutar os desejos da

terra; assumir posição diante do mundo que coabita, apresentando os sentidos e o cruzamento de lugares que constituem o corpo-pesquisadora neste tempo-espço. “Nos situarmos em nossas escritas é considerarmos como nossos corpos marcam outros corpos, como nossos corpos também fizeram a história desses processos de racialização e colonização” (Moreira; Hüning; Parra-Valencia, 2022, p. 98).

Ao darmos ouvidos às vozes de grupos subalternizados e compreendermos nossa branquitude como um vetor de poder que conduz às mais diversificadas exclusões, nosso compromisso passa a ser com a luta antirracista, sobretudo dentro da universidade, espaço privilegiado para nossos embates. Trata-se, assim, de descolonizar nosso pensamento em nossas pesquisas e escritas e, junto a isso, contribuir para os enfrentamentos que colocam em xeque a estrutura racista e sexista na qual se edifica a academia. Por isso não se pode falar nestas práticas como possibilidades teórico-metodológicas sem falar de uma produção de conhecimento antirracista. [...] Isso impõe a nós, pesquisadoras brancas, o compromisso ético-político de não “branquear” a prática para fazê-la caber na academia, mas de contribuir na promoção do enegrecimento desse e de outros espaços. (Moreira; Hüning; Parra-Valencia, 2022, p. 100-102)

Como pesquisadora, principalmente branca em território de Pindorama, comprometo-me a enegrecer e avermelhar o pensamento, as práticas de pesquisa, de escrita, o espaço-tempo acadêmico-universitário. Para isso, é preciso encarar que o contato com essas produções acadêmicas coloniais nos subjetiva, o que exige disputas e confrontos que escancarem o pacto branco de exclusão que impera no cotidiano dos espaços universitários. “Colocar-se na escrita como sujeitos de uma experiência é uma forma de recusa à planificação das subjetividades e suas análises, mas também de assumirmos nosso lugar e responsabilidades éticas e políticas na produção do conhecimento” (Moreira; Hüning; Parra-Valencia, 2022, p. 102 - 103). O tateio é, pois, por um pesquisar-contracolonizar num chão fecundado por memórias e narrativas que contam como persiste este campo problemático que nos move: colonialidade e branquitude, exigência de reparação, aposta político-ética na confluência com os saberes dos povos.

No dia em que você, universidade, aprender que não sabe e topa aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, assim como a arquitetura indígena, para que servem as plantas da caatinga, do sertão, do cerrado, do pantanal, se dispuser a aprender como aprendemos um dia com vocês, aí terá uma confluência. Uma confluência entre os saberes. [...]. Uma contracolonização. (Santos, 2018, p. 09)

Por fim, perder-se convoca o corpo, lesiona a certeza, puxa o fio do laço e desata um nó alojado na garganta do mundo, o de posicionar-se frente ao pacto (Bento, 2022): colocar em análise o conhecimento racializado produzido na universidade e propagado nas linhas de produção da escolarização. Desse modo, romper com a lógica colonial-moderna torna-se inescapável. Quando olhamos no olho do racismo e nos vemos olhadas por ele, há que não

perder nenhuma chance de nos perdermos, gaguejando *dizências* e reminiscências outras, não temendo as reticências, os silêncios que precisarmos habitar e as solidões que carecermos povoar, mistura entre confluência e abandono, entre entranhamento e estranhamento. O que acontece se assumirmos o desconhecimento sobre o outro - e, então, também sobre nós? O que acontece se experimentarmos a passagem, a abertura do corpo pele do mundo, outros jeitos de dizer, de ritualizar, outros fumos, outros mundos? O que acontece se nos perdermos dos mapas político-linguísticos do homem branco?

2.2. Fazer povo para descarregar a universidade de sua colonialidade

Estar na universidade anunciando o que revira as vísceras, parece insuficiente face à racionalidade científica atrelada à perpetuação de violências de raça, classe, gênero, sexualidade e região. Diante de tal racionalidade, o gigante pela própria natureza apequena-se, tornando-se Brasil, e sua natureza é a de ser terra colona, em que impera o extrativismo e a expropriação. E se, por acaso, tal racionalidade for invadida por “evidências” que descrevam a carnificina de viventes pelo modo de vida moderno-colonial, as violências vividas dentro e fora dos espaços universitários, dá-se logo um jeito de torná-las não tão evidentes assim, lançando-se dúvidas sobre os ‘fatos’, não tão científicos assim, entendidos como “um ataque aos direitos imprescindíveis da humanidade se modernizar”, custe o que custar (Latour, 2020, p. 50). Os espaços acadêmico-cientificistas são presididos pelos antigos tão contemporâneos senhores das casas grandes (homens, brancos, conservadores, afinados ao pacto), atualizando modos de (re)colonização, acimentando cada milímetro de vida, sufocando cada gesto de insurgência, feito parasita faminto por tudo que possa arder, queimar, mover, viver.

Por isso, mesmo que seja insuficiente, insistimos em fazer povo com um bando de gente. Por isso, essa escrita-grito revira as entranhas. Entranhas que não têm “dono”, justo por não tratar de uma “propriedade” individual, mas de um plano comum – desde que essa palavra não signifique consenso com a vida moderna-colonial -, um plano cosmopolítico constituído em profunda oposição à homogeneização colonial. “Os novos comuns precisarão ser um produto de nossas lutas” (Federici, 2020, p. 153). Digo, pois, de um entranhamento, das entranhas que co-engendram povos, línguas, matas, bichos e mares, de uma vitalidade comum, humana e mais que humana. O fumo do cigarro não é o mesmo que o do *pawi*. Não há um cosmo já unificado, um mundo único. Outras vidas, línguas, cosmovisões, políticas fazem mundos e saberes diversos, divergentes. Elas têm suas próprias sabedorias, espiritualidades, tecnologias, manejos

com plantação, saúde e adoecimentos. Desde a universidade, se pretendemos que essas diferenças façam diferença no modo com que são consideradas, o conceito de política passa a ganhar algum adensamento, alguma curva: não mais controle de vidas e, sim, manifestação da vida. “Uma política de fazer mundos, [...] preocupada com os processos pelos quais um mundo se realiza ou é tornado existente” (Blaser, 2018, p. 23).

Isso é urgente, pois o fim do mundo já chegou faz tempo, não só para os povos originários. Mas, de dentro do pacto, nós embranquecidos, vivemos a naturalizar uma política de esquecimento: esquecemos da crise político-sanitária da pandemia COVID-19, esquecemos das secas, das queimadas, das cercas nas águas para a pesca industrial seguir livre a matar a vida dos oceanos, esquecemos das enchentes que assolaram ainda ‘ontem’ – 1941 e 2024 - um Rio Grande do Sul tomado pelo agronegócio, as empresas, as barragens. Esquecemos enfeitiçados pela ideia de que o apocalipse já aconteceu e a modernidade nos salvou (Krenak, 2023; Latour, 2020).

Mas, haveria alguma possibilidade dessas diferenças - cigarro e *pawi* - confluírem? Como isso pode ser possível? Como confluir ciência e saberes populares? Diante da co-presença de diferentes composições de mundo, seria possível um fazer acadêmico que mantenha presente a divergência, p-r-o-b-l-e-m-a-t-i-z-a-r, fazendo durar o problema, arrastando-o sem sobrecodificação sob a ideia de comum? Tomar o “mundo comum como resultado possível, em vez de ponto de partida” (Blaser, 2018, p. 18). “Manter aberta a pergunta a respeito de quem e o que pode compor o mundo comum” (Ibid., p. 18) e o comum do que se costuma se denominar de ciência.

Múltiplas formas de fazer mundos podem coexistir, mas o que usualmente se dá é uma interrupção, uma exclusão, uma hierarquização, uma invisibilização. Quando não é possível singularizar as multiplicidades que estão em questão, a composição de um mundo comum segue em apagamento. E, assim, a fumaça do cigarro e do CO2 segue matando. Blaser (2018) assinala um modo de reparação pela manutenção do incomum dos mundos. Ele cita a ideia de tradução como “equivocação controlada” defendida por Viveiros de Castro: “o que se deve manter em primeiro plano, quando se traduzem dois termos diferentes, [cigarro e *pawi*,] é, precisamente, sua diferença” (Ibid., p. 38, grifo meu).

Em outras palavras, a composição do comum entre mundos, ou do que se convencionou chamar de mundo comum, só deve se dar, segundo Blaser (2018), agora na companhia de Isabelle Stengers, “na presença das vítimas, não porque estas devem estar de acordo, mas sobretudo porque os que concordaram em avançar com os termos do mundo comum ‘têm que saber que nada poderá apagar a dívida que vincula sua eventual decisão a suas vítimas’

(Stengers, 2014: 39)”. Os magnatas da razão, mandantes da política razoável do comum do esquecimento, estão dispostos a perderem-se, a deixar a decisão dos termos às vítimas da colonização de ontem e da colonialidade de hoje?

2.3 (Cosmo)política de escrita

Essa escrita é feita de dejetos, da água misturada com lama e veneno pela mineração, pelo garimpo e pela agropecuária; da terra esgotada e esmagada de tão cedida/usada pelos “gados” enquanto é enriquecido o agronegócio, pela monocultura que mata a diversidade e a asfixia a diferença. Uma escrita comprometida com uma poética da terra, a posicionar-se “diante de Gaia” (Latour, 2020). Uma escrita que, a cada letra, sangra para não esquecer que ela mesma foi e ainda é utilizada como “arma para oprimir, subjugar, escravizar e destruir outras pessoas que narram a vida pela oralidade, pelo corpo do rio, das árvores, das pedras” (Brum, 2021, p. 88). Escritas-propriedade “dos poderes do direito e da medicina, que estupram os ouvidos para manter os muros, forjando uma língua cujo código só os iniciados conhecem, mas que impactam as vidas” (Ibid., p. 88), apequenando-as, fazendo-as minguar. Apostamos em uma escrita outra - ainda que escrita. “A escrita é muito de um muito” (Ibid., p. 88).

Retrato 3 – Canto abafado



Fonte: Arquivo pessoal¹¹.

¹¹ Retrato 3 - um dos passarinhos que o vizinho mantém em cárcere privado. Um dos pássaros do canto abafado pelo assalto do voo, do experimentar o que pode fazer com sua liberdade.

A escrita também é utilizada como ferramenta de opressão, escravização, epistemicídio, propagador de um modelo de intelectualidade antropocêntrica e eurocêntrica, destruidor de viventes e de suas narrativas orais, envenenando seus corpos-rios, árvores, pássaros, pedra. Há escritas que atrofiam o canto, que têm cheiro de morte, que são a própria morte. Há escritas, especialmente acadêmicas, que são etnogenocidas.

Etnogenocídio é um tipo de violência colonial assente no esforço de homogeneização. Ele incide precisamente sobre a multiplicidade e singularidade de cada povo, cada etnia, cada nação nativa de determinado território. Perpetrado sobretudo pelo próprio Estado, vem acompanhado [...] de epistemicídio, já que os saberes se produzem também a partir do modo de vida e assim por diante. Etnogenocídio visa impedir que pessoas indígenas sejamos o que somos, em nossas diferenças internas, em nossos modos de vida e pensamento para sermos apenas “brasileiros”. (Núñez, 2022, p.56 - 57)

Livros e escrituras, métodos e técnicas de pesquisa tendem a ser um cemitério de povos e histórias que viviam sendo sopradas aos quatro ventos feito canto de passarinhos em liberdade. “A blindagem por sistemas teóricos [e metodológicos] é uma tradição da ciência colonizadora” (Moreira; Hüning; Parra-Valencia, 2022, p. 102-103, grifo meu).

Os antropólogos chegaram à conclusão de que a sua própria presença alterava os dados por estes constituírem, de certa forma, uma espécie de agente colonial e, pior ainda, que o método de trabalho utilizado era preconceituoso. De fato, a observação participante é um contrassenso visto ser impossível observar as pessoas de fora e, ao mesmo tempo, participar da ação, observar o jogo da arquibancada enquanto se joga no campo. O método antropológico condena seus seguidores a “dançarem no fio de um paradoxo” e a ter o papel esquizofrênico do comentarista-jogador. O olhar distanciado, que fazia dele o “astrônomo das ciências sociais”, era incapaz de observar a si mesmo. (Narby, 2018, p. 21)

Das últimas vezes em que estive na aldeia, aprendi a escutar passarinhos, a me comunicar com eles, a entender o que eles dizem. Voltei para a cidade e passei a ouvir diariamente um passarinho que meu vizinho mantém enjaulado a expressar um som abafado, entalado que lembra lamento e sofrimento. Sinto minha garganta embargar num nó, meu corpo encurralado. Há dias, o som do passarinho ecoa dentro de mim sem ele nem abrir o bico. Desde então, não passo ilesa por um canto. Os ouvidos procuram, o corpo vibra e responde, isso quando precisa ser respondido. Acompanhada pela perspectiva de que “a experiência de conviver com outros mundos e outras gentes torna a língua e a linguagem que habito – e o corpo que sou – radicalmente faltantes” (Brum, 2021, p. 301). Assim, pode uma pesquisa escutar e conversar com passarinhos? Pode uma escrita entoar um canto mais que humano, escrever-passarinho, escrever ‘invadida’ pela presença gentil do espírito das árvores, das floras, o

encanto da fumaça do *pawi*, das águas, dos ventos? No asfalto da academia, uma escrita fecunda por (en)cantos e oralidades, isso pode?

O domínio da escrita foi instrumental na tentativa de apagamento dos saberes considerados hereges e indesejáveis pelos europeus. Tornando exclusiva a escrita letrada como fonte de conhecimento, seu domínio se superpunha, negligenciava e tentava abolir outros sistemas e conteúdos, não considerados pelo colonizador saberes qualitativos, ou sequer um saber. Domínio de poucos, excluía, marginalizava, tornava alheio o que era antes familiar. Desconcertava a sociedade dos colonizados, invertendo as relações de poder entre povos subjugados. A escrita alfabética se instalava como veículo instrumental de ostracismo, segregava, estigmatizava. (Martins, 2021, p. 34-35)

Essa relação com os passarinhos tem escancarado que “vida e corpo escapam das palavras – ou palavras não dão conta de abarcar vida e corpo. Essa é a condição permanente de quem conta, seja pela escrita, seja pela oralidade” (Brum, 2021, p. 301). Nesse sentido é que dou conta: as palavras que aprendi não dão conta de responder ao canto dos passarinhos, nem ao menos decifrar. Então só resta a tentativa de experimentar alguma tradução solidária, isto é, “a tradução comunizante torna a tradução um ato de solidariedade, não de fidelidade ou lealdade [...] serve para insistir que a tradução é feita por muitos, e não por poucos ¹²”. Para tal experimentação, precisa-se da quentura do corpo, de suas entranhas, lugar quentinho.

Embora caminhe na companhia também das palavras, escrever é um ato de corpo e no corpo (Brum, 2021). As palavras, assim como tantas outras *dizências*, línguas, cantos cirandam no corpo. Uma ciranda encarnada em gestos, atos e memórias. Escrever inscrevendo-se, abrir fissura para a vida narrada girar numa ciranda de *dizências* moventes no espiral dos tempos, desenhada feito horizonte em palavras. O corpo em jogo, em ginga, em queda, em voo, em conflito, em perigo, em luta, que, feito flecha, pode passar pela escrita e ir muito além. Esse corpo-memória (Krenak, 2023) em ciranda *palavrescas*, utiliza da palavra tal qual o galho da árvore usado para fazer uma flecha, reconhecer a vida de onde veio o galho, do próprio galho, escutá-lo dizer como afiá-lo de maneira a ser flecha certa.

Assim, talvez possa a escrita gesticular, ritualizar, escutar cantos e encantados, desenhar imaginários vivos, incorporados de oralidade, alucinar, transitar nos tempos, dialogar com mais que humanos, criar realidades torcendo as próprias palavras ditadas pelo colonizador, fazendo seus sentidos bailarem dando vida a uma escrita contra-colonizadora. Escrever de pés descalços, tocando a terra das memórias que correm nas veias e pulsam nas artérias, para além do corpo

¹² Verbete Translation. Disponível em: <http://glossary.mg-lj.si/referential-fields/commonssolidarity/translation-3?hide=21>.

que se acredita habitar, corpos outros compõem este que escreve e se inscreve, também atravessado pelo corpo colonizado e colonizador. Escrita em luta com o ditado colonizador. A colonialidade é o mercúrio no sangue, o veneno dos transgênicos a desencantar vidas e a própria vida da escrita que se move para além da pele das palavras, confundindo-se com a lama, a terra, os cantos, o vento, a água.

Escrita-putrefação, feita com restos de colonização, afeita a brotar bem ali onde nada parece restar. Na encruza de um projeto civilizatório ainda em curso, escrita adestrada pela catequização colonizadora-acadêmica para chamarem de educada, culta, civilizada; escrita-bicho domesticado à subserviência estatal e mercadológica, acatada a destinação de seus senhores; escrita menos animalizada, humana, mas não tanto. Do cimento universitário, ainda mais nos terrenos alagadiços sergipanos, a lama sempre torna a brotar, remexendo, em lentidão quase insuportável, as raízes da escrita acadêmica (Lispector, 2015). Sua selvageria irrompe o relevo civilizado pelo gesto de soltar o grito da oralidade, desengaiolá-lo. Que pode a selvageria oral em escritura diante da colonização persecutória?

Não obstante, tomamos a contracolonialidade como desaprumo, experimentando uma selvageria em escrevinhança; escrita escutadeira-dizente, contadora das histórias que escuta, sente, intui, alucina, vê, desatina, oraliza. Escrita fora-do-sujeito da razão universal, escrita expressão do “saber-do-corpo” (Rolnik, 2018). Escrita-efeito da presença do outro em nós (nós-outro, viventes que compartilham um só corpo-memória-eco da terra). Escrita-feitoria de um corpo-memória preche de imaginários vivos e vida em expansão, animada, fecundada pela confluência, pelo encontro com seu fora. Escrita-embrião de mundos mais solidários, mais heretogêneos, mais selvagens.

No posfácio de “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, Eduardo Viveiros de Castro retoma uma fala de Krenak: “nós, os povos indígenas, estamos resistindo ao “humanismo” mortífero do Ocidente há cinco séculos: estamos preocupados agora é com vocês brancos, que não sabemos se conseguirão resistir!” (Krenak, 2020, p. 81). O corpo-pesquisadora tende a ser demasiado humano, defensor do humanismo como salvação. Qualquer associação com a catequização, sob a justificativa de esses povos não terem alma, sem dúvidas não se trata de mera coincidência.

Esse fim que é preciso adiar assinala a falência de uma certa ideia de humanidade, uma ideia – um projeto – que, ao ter posto a desvalorização metafísica do mundo como uma própria condição de possibilidade, transformou os portadores dessa ideia em agentes da destruição física deste mesmo mundo (e de incontáveis mundos de outras espécies). (Krenak, 2020, p.79)

Ora, a que(m) servem a pesquisa, a escrita, as histórias que se conta? A partir da vivência com os povos da floresta, Eliane Brum (2021) descreveu a experiência de quem escreve ter, por condição, o fracasso, uma vez que “a vida sempre escapa. A vida transborda, a vida é maior [...]. A vida flui na palavra, mas não aceita ser barrada por ela. A vida é rio que não se submete a hidrelétricas” (Ibid., p. 93). Ela diz que quem a ensinou que “escrever é um ato do corpo e no corpo foi o rio Xingu” (Ibid, p. 93). Sendo assim, a transmutação é a sina inescapável de uma contadora de histórias que transborda em escrevinhança e se vai. Ao tornar-se escrita selvagem, o si corre o risco de perder-se.

Ao escutar ‘empréstimo’ meu corpo para as palavras de outro. É uma experiência que se assemelha a uma possessão, mas não é. Meu corpo, eu, é um mediador ativo da outra voz. É evidente que, ao tornar essa voz palavra escrita por mim, a mediação delicada estará presente. [...] O ‘virar outro’, porém, é para mim inescapável. É, ao mesmo tempo, a graça e o risco de ser escutadeira. Escolhi viver no *entremundos* - ou no *entrecorpos*. Com frequência, isso me dá muito. Às vezes, porém me arranca pedaços. (Brum, 2021 p.60 - 62)

O corpo e a experiência não são somente “dos outros” - *alheios* - dizem também sobre os nossos corpos, eu-outro em composição, “um mundo em decomposição, escrevo como quem manda cartas de amor”¹³. A experimentação se compõe no entre, espaço heterogenético, lugar de (de)composição. E, assim, essa pesquisa segue a estranhar, entranhar, experimentar, encarnando uma política de escrita cuidadosa, torta, que confunde e questiona as simplificações ou conclusões definitivas, uma política de escrita em relação de parentesco com a poética da terra.

¹³ Cananéia, composição de Emicida, álbum Amarelo.

3. O CÉU ESTÁ A DESABAR. NÃO ESTÁS VENDO?

Retrato 4 – Desabamento do céu



Fonte: Retrato de Claudia Andujar - da série Sonhos Yanomami, 2002¹⁴.

¹⁴ Retrato nomeado por “Desabamento do céu / O fim do mundo”, feito pela artista suíça. Disponível em: <https://mam.org.br/exposicao/sonhos-yanomami>. Acesso em 10 de Maio de 2023.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiris, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.
(Davi Kopenawa¹⁵)

Passado e presente estão soterrados, junto aos que insistiram em dividir o tempo, mas também com todos os povos que lutaram pela vida de tempos outros. O futuro não trata de um tempo por vir, com o qual ainda não nos relacionamos, o futuro está aqui, entre as frestas desse desabamento. Por entre elas, avistamos crianças brincando com os destroços, sedentas, cedendo ao progresso e ao desenvolvimento quando tudo já caiu, enquanto tudo está a desabar. Não estás vendo?

Não é de hoje que os povos originários de diferentes etnias têm alertado sobre o desabamento do céu que sustenta esse e outros tantos mundos. Dessa vez, o céu não estará desabando em seu próprio tempo, como o fôra das outras vezes. Agora, tem sido acelerado por uma grande parte de humanos, os quais Davi Kopenawa (2015) chama de “povo da mercadoria”. Poderia até ser uma produção cinematográfica de ficção científica sobre o fim desse mundo, daqueles filmes apocalípticos que os agentes coloniais-capitalistas costumam investir, produzindo todo um imaginário de que o capitalismo é imortal, expandindo a imagem de seu realismo paralisante, enquanto nós nos conformamos a tal ‘realidade’, comprando sua imortalidade, vendo o céu ruir, com a certeza de que não há nada a fazer, de que tudo isso é em prol do progresso da humanidade, fazendo parecer mais fácil o mundo ruir do que o capitalismo. Para o povo da mercadoria faz mais sentido pensar o fim da vida em vez do fim do capitalismo moderno-colonial (Aráoz, 2020) e do regime colonial-capitalístico (Rolnik, 2018). Este não diz respeito apenas ao modo de organização econômica, mas, sobretudo, à cafetinagem da força vital de tudo que é vivo enquanto “exerce essa sua sedução perversa sobre o desejo cada vez mais violenta e refinadamente” (Ibid., p. 25).

Toda uma manobra para nos fazer de bestas, como dizemos por aqui. Importante demarcar que por ‘nós’ aqui me refiro a todo vivente que está à beira desse abismo, ainda que cada um num lugar bem diferente, aqueles que sentem no próprio corpo os sintomas do céu

¹⁵ Epígrafe no livro “A Queda do Céu” (Bruce; Kopenawa, 2015).

adoecido pelos inconsequentes povos da mercadoria, os quais quando nesse céu e nessa terra não tiver mais o que tirar, vão invadir outro onde seguirão a exploração e a expropriação.

Outros céus cairão, temo dizer. Os sinais do desabamento ainda que evidentes e múltiplos, não são notados por todos da mesma maneira, como já dissemos, muitos esqueceram, muitos seguem dopados pela droga do “realismo capitalista” (Fisher, 2020). O alerta dos povos originários é o grito das florestas, dos rios, dos encantados. O povo da mercadoria, tendo se fragmentando das naturezas, não as escutam, tampouco tem escutado os vivente, nem mesmo as/os tradutoras(es) das florestas, dos rios, dos mares.

Aquela fotografia acima foi nomeada pelo povo Yanomami de “Desabamento do Céu” ou “Fim do Mundo”. Ela foi retratada pela artista Claudia Andujar, uma mulher cis, branca, suíça, naturalizada brasileira, confluyente na luta do povo Yanomami. A sobreposição de imagens que a artista utilizou representa o “Fim do Mundo” na cosmovisão do povo Yanomami. A fotografia acima pode convocar ao mesmo que comunicar o que o palavrear, por sua vez, talvez não dê conta. Na cosmovisão Yanomami, o fim do mundo dá-se com a queda do céu - as pessoas indígenas na imagem estão imersas nas águas, guerreando com os seres mágicos -, assim é que se dará o fim deste mundo, como também o começo de outro (como já ocorreu em outros tempos), para os Yanomami. Em entrevista, Claudia diz que esse é o momento de maior medo desse povo, e eles dizem que está cada vez mais perto, caso a humanidade não cesse a destruição das florestas (Barbosa, 2009).

Os alertas dos povos originários, as denúncias de invasão, de assassinato pelos senhores Estado-Nação e Mercado em todo seu maquinário etnogenocida e epistemicida têm sido capturados pelo discurso cheio de frufu e de ação seguida de ainda mais violação, como o Xamã Kopenawa disse outro dia: “o homem branco fala bonito, mas não sai do que diz¹⁶”. Para os brancos colonizadores, as florestas nada mais são que mercadoria a serem comercializadas e transformadas em “papéis mortos” (dinheiro), recurso, lucro. Olham para a floresta e veem cédulas, matam árvores centenárias em minutos, cercam e poluem rios com os seus maquinários de morte. A floresta é viva. A floresta é vida.

Os espíritos do céu, *Hutukarari*, do vendaval, *Yariporari*, do sol, *Mot^hokari*, da chuva, *Maari*, dos raios, *Yāpirari*, dos trovões, *Yārimari*, e do caos, *Xiwāriipo*, estão furiosos com os brancos que maltratam a floresta. Assim é. A floresta é inteligente, ela tem um pensamento igual ao nosso. (Kopenawa; Bruce, 2015, p. 496-497)

¹⁶ Frase dita por Davi Kopenawa no Roda Vida, programa da Tv Cultura, em 15 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=davOEBFhU0U>. Acesso em 16 de Abr. de 2024.

Essas violências têm ocorrido não somente no território Yanomami, mas também em diversos outros territórios indígenas, quilombolas, comunidades ribeirinhas, povos que lutam há séculos por reforma agrária e pela demarcação de territórios ancestrais tomados de assalto todos os dias por novas invasões. Lembrem-se: o país foi batizado pelo invasor com o nome da árvores que desmatou e extinguiu; Brasil. “O que resta de nossa Mata Atlântica está aí como testemunha da colonização capitalista de nosso território” (Porto-Gonçalves *in* Araújo, 202, p. 08). E, assim, a expropriação segue com força e em aceleração:

O desenvolvimento capitalista exige a destruição de propriedades e relações comunais. Ao se referir aos “cercamentos” que expulsaram o campesinato de suas terras na Europa nos séculos XVI e XVII – ato de nascimento da sociedade capitalista moderna – Marx falava de “acumulação primitiva”. Mas aprendemos que isso não ocorreu uma única vez, não esteve circunscrito a determinado espaço ou época específica; foi um processo de séculos e que continua acontecendo. [...] Na era do neoliberalismo essa estratégia vem sendo normalizada e desenvolvida ao extremo, fazendo da acumulação primitiva e da privatização da riqueza comum um processo permanente, que agora se estende a todas as pareias e aspectos de nossas existências. (Federici, 2022, p. 154)

E, assim, a colonialidade segue também como requisito básico para o extrativismo e fortalecimento capitalistas. Se o Brasil houvesse deixado de ser colônia não perderíamos as línguas, tampouco as memórias de Pindorama. A nação que nasceu a fórceps é uma invenção reiterada e reeditada por invasões sem fim. Certamente, neste momento tem algum território sendo invadido por latifundiários, mineradores, pelo mercado, pelo Estado. Neste exato momento, alguma indígena está sendo estuprada, alguma aldeia está sendo contaminada por algum vírus trazido pelo homem branco. Já (nos) esquecemos, mas vamos nos lembrar: mesmo depois do reconhecimento da Terra Indígena Yanomami em 1992, com demarcação que proíbe a entrada de garimpeiros, madeireiros, fazendeiros, em 2019, com um governo não só conivente mas incentivador de massacres, “mais de 20.000 garimpeiros voltaram a invadir o território, derrubando a floresta, envenenando os rios e espalhando doenças como a COVID-19” (Nilha, 2022, p. 31).

Dos povos originários daqui retiraram e tiram (ou ao menos tentaram e tentam) as línguas, seus territórios, suas vidas. Cobriram seus corpos, demonizaram seus ritos e rituais, os carnearam, tudo em nome da “ordem e progresso”. A mesma “ordem e progresso” anunciada na bandeira é talhada por mãos brancas de quem segue a saquear o território de Pindorama; as mesmas mãos banhadas de sangue seguem a construir a nação inventada (pátria mãe gentil?), Brasil. Com quantas violências se faz uma nação? Com quantas mortes se faz “ordem e

progresso”? “Oh senhor cidadão, eu quero saber, eu quero saber: Com quantos quilos de medo, Com quantos quilos de medo se faz uma tradição?”¹⁷.

Não só o Brasil é uma invenção, como também as histórias publicizadas e ainda representadas pelos colonizadores: o Estado, a polícia, a milícia, a igreja – todo o sistema colonial eurocristão monoteísta, por sua vez, regime colonial-racializante-capitalista. Eles sim. É nesse pau oco que está todo poder proclamado em nome da pátria, da família, de um deus universal. O tal pau de tão linear não enverga, mas tortura. Imbrochável¹⁸, parece engessado, modelado em concreto. Não seria espantoso, já que tem por função e dedicação asfaltar tudo que tenha poro, fresta, buraco. Não dão conta de ver um buraco se quer sem querer, de imediato, tapar, preencher, adentrar. Mais do que isso: supõe que são a forma-geral para todas as coisas. Tapar, portanto, é dizer que ali havia um buraco e que esse, por sua vez, carecia do pau, do deus, do poder.

Esse mesmo país se faz de esquecido ou carece lembrar para reavivar a memória quando o assunto é sua própria história. Não aquela que escutamos desde bem pequenas/os em muitos livros, a contada pelos brancos extrativistas e escravagistas, aqueles ainda esbanjados em estátuas em praças “públicas”. O céu está desabando, não estás vendo? Talvez uma contra-história possa reavivar a memória, fazê-la conexão com as histórias que regam essa terra com sangue, mas também com outros modos de vida e relações comunais solidárias entre humanos e mais que humanos. Falo da contra-história, a contada pelos povos que sofreram com a invasão e com o sequestro nesse país construído sobre o cemitério de corpos de povos originários indígenas e africanos sequestrados de seus territórios. Ainda hoje, 524 anos depois da invasão, a gente brasileira, essa gente esquecida, ainda segue a bajular seu pai europeu:

A mãe do Brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho de seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Sua raiz vem daqui, do povo ancestral que veste uma história, que escreve na pele sua cultura, suas preces e suas lutas. Nunca vou entender o nacionalismo estrangeiro que muitas pessoas têm. Nós somos um país rico, diverso e guerreiro, mas um país que mata o seu povo originário e aqueles que construíram uma nação, que ainda marginaliza povos que já foram escravizados e seguem tentando se recuperar dos danos. O indígena não é aquele que você conhece dos antigos livros de história, porque não foi ele que escreveu o livro, então nem sempre a sua versão é contada. Ele não está apenas na aldeia tentando sobreviver, ele está na cidade, na universidade, no mercado de trabalho, na arte, na televisão, porque

¹⁷ Canção e composição de Tom Zé, no álbum *Se o caso é chorar*, de 1972. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0mFw06CCJKIAUEK1gf3O0m?si=IQxAn25SR4uMP9reQTy8Dg>. Acesso em: 13 de Jul. de 2023

¹⁸ “Sou imorrível, imbroxável e também sou incomível...” era uma frase recorrentemente utilizada pelo ex-presidente. O mesmo que orquestrou diversos crimes contra a vida de brasileiros(as), conduzindo a nação através de estratégias de extermínio da população LGBTQIAPN+, indígena, negra, pobre e demais populações minorizadas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/17/sou-imorrivel-imbroxavel-e-tambem-sou-incomivel-declara-bolsonaro.htm>. Acesso em: 10 de Jun. de 2023.

o Brasil todo é terra indígena. Sabe aquela história de que ‘sua bisavó foi pega no laço?’ Isso quer dizer que talvez seu bisavô tenha sido um sequestrador, então acho que você deveria ter mais orgulho do sangue indígena que corre em suas veias. A mãe do Brasil é indígena.¹⁹

Essa gente brasileira aspira conhecer a Europa antes mesmo de conhecer os estados e os povos da própria região, quiçá do país ou continente, só se for do sul e sudeste, pois lá tem gente mais parecida com os europeus e norte-americanos. Gente que no próprio país se faz de estrangeira, importando cultura, língua, modos de vida. Enquanto isso, mata seu próprio povo - os originários dessa terra - assim como também o faz com aqueles que construíram a ferro, suor, lágrimas, banzo, açoite isso que chamamos de nação. É o país que nunca repartiu, muito menos reparou. Justo por isso, insiste em perpetuar as histórias desse pai europeu, mesmo sabendo que sua existência é decorrência de um estupro. E a mãe segue sendo violentada, ainda que grite, não é escutada.

Essa contra-história nos dá acesso aos elementos por meio dos quais é possível fazer a memória ganhar densidade pela criação do que Ailton Krenak (2023) chamou de “corpo-memória”. Diante da produção política do esquecimento como estratégia de governo do povo chamado de brasileiro, a vida invade, arde, queima o peito, a vida insiste e solicita passagem. O corpo-memória dá-lhe possibilidade de expressão. Pindorama é essa terra mãe que foi violentamente invadida, estuprada e expropriada. Pindorama é a memória viva e ancestral que a colonialidade insiste em sobrepor.

Mbiaba é terra indígena. *Sergi-Ype*²⁰ é terra indígena. Pindorama é terra indígena. *Abya Yala*²¹ é inteira terra indígena. As lutas dos povos originários não são por vidas individualizadas - isso é coisa de branco. A vida para povos indígenas é confluyente, diz sobre a floresta, os rios, a terra, o céu, os animais - todas essas vidas são indissociáveis, elas não diferem das suas. São vidas em composição heterogenética, em alteridade; ao contrário do que é para o branco, que

¹⁹ A Mãe do Brasil é Indígena, texto de Myrian Krexu, indígena da Nação Guarani Mbyá. O texto foi proclamado no Acampamento Terra Livre em 2019 e compõe o episódio 2 da série Maracá na voz de Maria Bethânia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w3ciHZgzhVw&t=310s>. Acesso em: 20 de Jun. de 2022.

²⁰ Do tupi *si'ri ü pe*, quer dizer "no rio dos siris". Mais tarde também foi nomeada como Cirizipe ou Cerigipe, que significa "ferrão de siri", nome de um cacique que se opôs ao domínio português. O cacique Serigy comandou a resistência à colonização e liderou bravamente os guerreiros de sua aldeia durante quase três décadas, até 1590 e a fundação da Capitania de Sergipe Del Rey. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/governo/sergipe-tem-historia-e-estorias-a-beca>. Acesso em: 17 de Abr. de 2024.

²¹ |Nome dado ao continente pelo povo kuna (também conhecido como guna ou cuna), originário do Panamá e da Colômbia, antes da chegada de Cristóvão Colombo e dos europeus no século XV. Na língua kuna, *Abya Yala* significa "terra madura", "terra viva" ou "terra que floresce". Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/08/o-que-e-abya-yala-o-nome-dado-ao-continente-americano>. Acesso em: 17 de Abr. de 2024.

entende o fora de si mesmo como recurso, suas próprias vidas são recurso, uma vez que elas são rendidas ao capital. Talvez ainda justifiquem isso como esperteza, eu chamaria de estupidez.

3.1 Se não *alguém*, *alheio*?

Embora os brancos se achem espertos, seu pensamento fica cravado nas coisas ruins que querem possuir, e é por causa delas que roubam, insultam, combatem e por fim matam. [...] Quando fazem guerra uns contra os outros, jogam bombas por toda parte e não hesitam em incendiar a terra e o céu. [...] Os brancos escondem o corpo de seus mortos debaixo da terra, em lugares que chamam de cemitério. [...] Os brancos não fazem guerra por seus cemitérios.
(Kopenawa; Albert, 2015, p. 442-443)

No livro “A Queda do Céu”, o Xamã Kopenawa conta ter havido guerras entre os Yanomami e outros parentes, mas somente quando para vingar seus mortos. Já os brancos, matam e fazem guerra por ouro, minérios, petróleo. Estamos vendo, há algum tempo o massacre do povo Palestino sendo investido por países considerados ricos, que, numa mão, segura a riqueza saqueada de todos os territórios invadidos; e, na outra mão, armas, bomba, a caneta, as tecnologias que matam os povos originários e protetores desses territórios. Essa guerra é branca, é também civil, religiosa, humanizadora, cis heteronormativa, é capitalista. O projeto moderno-colonial não é plural, muito menos laico. Vá até uma pequena comunidade e lá certamente haverá uma igreja (cristã) e uma escola, quase que indissociavelmente. O projeto civilizatório invade o território *alheio*.

Etimologia (origem da palavra *alheia(o)*). A palavra *alheio* é um substantivo masculino, em latim “alienus,a,um”, que significa “de outrem”, “os estranhos, os que não são parentes”. Diz respeito ao que é de proveniência estrangeira, “que é de outra nação”; que está distante; que pertence a outra pessoa, que desconhece; ignorante²².

Enquanto isso, tornam *alheio*, estranho, estrangeiro, ignorante, o povo originário do lugar invadido. O *alheio* carente do mesmo: cristo, poder, salvação, capital, universal, *alguém*, civilizado, cidadão. *Alheio* em oposição ao europeu e que se tornaria, não por acaso, brasileiro.

No período colonial, designava como “brasileiro” não aquele que nascia por aqui, mas aquele que explorava o pau-brasil e voltava rico a Portugal. O adjetivo pátrio “brasileiro” se impôs, e não nos reconhecemos como brasilienses ou brasilianos, ainda que o dicionário assim reconheça quem nasce no Brasil. Sobreveio o “brasileiro”, ou seja, aquele que vive de explorar o Brasil, assim como o madeireiro vive de explorar

²² Revisão por Débora Bibeiro. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alheia/>. Acesso em 20 de Maio de 2023

a madeira e o mineiro, de exploração do minério. (Porto-Gonçalves *in* Araújo, 2020, p. 09)

Assim, “o índio” era o outro, chamar-lhe de brasileiro, era, em um só tempo, fazê-lo “homem” e estrangeiro de suas próprias gramáticas de vida, em suas próprias línguas. “Ser brasileiro é pensar e agir e se considerar (e talvez ser considerado) como “cidadão”, isto é, como uma pessoa definida, registrada, vigiada, controlada, assistida — em suma, pesada, contada e medida por um Estado-nação territorial, o ‘Brasil’” (Viveiros de Castro, 2017, p. 188). Fincaram na terra a cruz, em seguida, encarregaram-se de tornar aqueles ‘estrangeiros’ *alguém*. Mas, estrangeiro não diz sobre quem chega, que não é dali e, geralmente, está de passagem?

Retrato 5 - Catequização



Fonte: “A República Brasileira”, página no *Facebook*²³.

No continente africano não foi tão diferente: desapropriaram das pessoas seus nomes, suas vidas, desde os séculos os quais sequestraram para a escravização até a mesa de reunião líderes dos países europeus e os Estados Unidos, quando rabiscaram o mapa do continente Africano e repartiram os territórios *alheios* entre eles, sem levar em consideração a composição étnica/cultural de cada povo ali vivente. Aquilo que era um projeto colonial em curso é contado nos mais típicos livros de história como um grande acontecimento, chamado de Conferência de Berlim²⁴, que ocorreu de novembro 1884 a fevereiro de 1885.

²³ Retrato 5 - intitulado “Índias Bororos e freiras da Missão Salesiana no Mato Grosso, 1908”. Disponível em: <https://www.facebook.com/ARepublicaBrasileira/photos/a.111857003827956/117161006630889/?type=3>. Acesso em: 03 de Maio de 2023.

²⁴ Ver mais em Gomes, 2021.

A colonialidade é o veneno, o agrotóxico, o mercúrio, o cobre que corre no sangue, nas memórias, nos rios, nos corpos-territórios. A colonialidade está também nos olhos que naturalizam e silenciam o pulular de múltiplas histórias de Pindorama, a partir dos originários dessa terra, a mover bem lentamente as raízes de nossa identidade (Lispector, 2015) embranquecida, brasileira (ou à brasileira?). As próximas linhas deste capítulo destinam-se a narrar episódios da colonialidade no cotidiano da *terra brasilis*. O cotidiano que atravessa e afeta o meu corpo e de tantas outras confluente, amigas e amigos feitos na universidade, na vida, as mestras e mestres da oralidade, do conhecimento vivo. São narrativas de memórias-revoada desse bando de voa por onde levam os ventos, por isso, cada narrativa terá como personagem um pássaro em fluxo com cada história. O céu está desabando. Você consegue ver?

3.2. De quantas mortes se faz o desenvolvimento

Retrato 6 – A igreja na aldeia



Fonte: Arquivo pessoal²⁵.

Num encontro, tantos (re)encontros. Encontro ancestral de força, sabedoria, conhecimento e luta, de resistência e permanência. Encontros sonhados. As falas dizem de modos diferentes do sentido confluente - memória viva, ancestral.

²⁵ Retrato 6 - igreja católica na aldeia em retomada do povo Kariri onde fica localizado a cidade de Crato (CE), 08 de setembro de 2023.

Que pode ser casa? Que pode ser território? O que uma árvore pode ter de ancestralidade e memória viva? Tronco-árvore, tronco-gente, tronco-povo, tronco-ancestral.

Em nome do desenvolvimento, quantas mortes de árvores, povos e encantos seguem orquestradas em progresso. Hoje, 08 de setembro de 2023, presenciei o transbordo em dor de uma anciã do povo Kariri, no território onde fica o Ceará. Contava de quando foi expulsa de seu território, de sua casa, de seu tronco pelo Estado(-nação).

Estado democrático de direito (do colonizador, não só o português). O Estado conserva direito (de existir) a quem? A luta por território ancestral para esses povos é diária e custa suas próprias vidas, enquanto as histórias seguem sendo contadas pelos colonizadores, abafando gritos.

Essa é uma história real como tantas outras ao entorno de Pindorama. Contada pelas anciãs, vivida por todo aquele povo. Um mais novo abriu a roda de trocas dizendo da emoção de receber os parentes Kariri Xocós em seu território. Em seguida, passou a palavra para as anciãs, mas antes (nos) orientou: “Elas não falam muito, então vocês vão precisar fazer perguntas pra elas”. Elas começaram a falar, chorar, falar, sorrir, chorar, falar. Algumas horas se passam, pareciam instantes. Elas falavam. Ouvidos compenetrados. Em suas poucas palavras, diziam muito.

Em poucas horas, os soldados do Estado cerraram uma árvore-tronco-memória-ancestral vivente de centenas de anos ao centro da aldeia. Dentro do tronco da árvore vivia uma cobra. Enquanto cerravam o tronco, a cobra foi avistada. Ela fugiu para a casa da anciã que falava, ficou lá por algum tempo, encontrada só dias depois. A cobra fez parar naquele dia a missão de extermínio daquela ancestral, ficaram com medo de haver um ninho com outras cobras. No dia seguinte voltaram para finalizar o assassinato.

Para minimizar a revolta do povo, disseram-lhes que ali seria feito um açude para eles. Aquela velha tão repetida história de matar pelo bem. O bem de que(m)? O açude, a inspeção imobiliária, a indústria, a extração de terra, pedra, ar, vida, pertencimento, tudo pelo progresso e desenvolvimento. Faria alguma diferença para o Estado-nação a ‘ciência’ de que o território diz de pertencimento, ancestralidade e vida para aquele povo? O açude foi mesmo para o povo ou para indústrias de cerâmicas prestes a ali se instalarem?

Para a construção daquele açude, não somente assassinaram a árvore, também expulsaram todo aquele povo de suas *bapi* (*ao que chamamos também por casa*), com a promessa de que lhes dariam novas casas. A mata nativa dali também foi destruída, desmatada para aquela construção e as outras que vieram em seguida. Era daquela mata nativa que se sustentavam e se alimentavam o povo Kariri. As indústrias de cerâmica foram chegando e seguiram desmatando mais e mais e mais. Açude, água para que(m)? Sem mata nativa, sem território, sem casa, o povo precisou trabalhar na indústria de cerâmica para sobreviver. O desmatamento acabou com as árvores frutíferas. O povo ficou sem terra para plantar, para cultivar ervas medicinais, para nutrir seus corpos, suas memórias e fortalecer suas ciências.

Aos poucos, o povo foi conseguindo construir novas casas num local próximo dali, onde, ao fundo das casas, fica o território expropriado, agora o açude. Direito à vida para que(m)? A vida de posses, vaidades e soberbas, a vida de poucos sustentada pelas vidas de tantos.



Fonte: Arquivo pessoal²⁶.

Quando pode dizer o silêncio. Pousei minha presença em frente a uma das anciãs, sustentando junto dela aquele choro embalado em longos suspiros e soluços. Minha boca calou, sem qualquer palavra, num engasgo sufocante. Não há palavra alguma que lhe devolva seu território, sua casa, seu tronco-memória. Ela me olhava profundamente como que caçando minha semente, e perguntou: “Você tem fé em Padre Cícero?”. Não a respondi, seguimos num profundo silêncio. Ela repetiu a pergunta: “Você tem fé em Padre Cícero?” e esticou em outra frase: “Você acredite ou não, nós estamos aqui porque tenho fé nele. Foi um padre alemão que chegou por aqui e ajudou muito a gente”. Ali entendi: ainda que com a vida e território desapropriados, a fé a mantinha esperando outros dias possíveis. Ainda que fé num padre, era fé, a única coisa que havia lhe restado. Ainda que as missões jesuíticas estivessem ali fazendo sua função, chegando nos territórios arrasados pelo Estado-nação como salvadores. É assim desde a invasão. De que(m) se vale a fé e a esperança? Outras lembranças invadem. Numa roda entre marisqueiras sergipanas e mulheres mapuches do território da Araucanía, ao que os colonizadores deram o nome de Chile, uma marisqueira, com a bíblia na mão, pergunta a uma mapuche: “Você acredita em Deus?”. Ela responde: “No dia em que colocarem uma bíblia em minhas mãos e não quiserem me tirar minha história, talvez eu passe a acreditar”.

²⁶ Retrato 7 - roda de trocas junto ao povo Kariri Xocó e o povo Kariri e algumas pessoas brancas confluentes da luta indígena embaixo de uma *bapi* no território Kariri em retomada, 08 de setembro de 2023.

Nesse outro território em que foram ocupando desde mais uma expropriação, agora por conta do açude para o bem do mercado ceramista, havia uma parente daquele tronco ancestral assassinado. As raízes vão longe. Mataram o tronco daquela ancestral, mas suas raízes iam fundo, bem além do chão. As memórias não de vigorar.

Maria-do-nordeste

Esse país, invenção de um projeto etnogenocida (Núñez, 2022), tem servido bem aos seus senhores, o povo da mercadoria. Não à toa segue exterminando povos originários, populações negras, pessoas de sexualidade e gênero dissidentes. Violência aqui sempre foi lei, onde massacre a viventes-recursos é legislado. Nas cadeiras das reuniões de tomadas de decisão, do congresso, das câmaras, são os mesmos homens cis-hetero-branco desde a invasão.

Quando um vereador aparece na sua comunidade dizendo que vai sanear é preciso desconfiar, pois, quando dizem isso, em geral, é conosco que querem desaparecer. Esse colonialismo está impregnado na cabeça do vereador, do prefeito, do governador, de tudo quanto é gente que tem o status de apertar algum botão, de abrir algum portão. Esses caras continuam a serviço da invasão. (Krenak, 2020, p. 67)

Violência, invasão, expropriação, tudo em nome do desenvolvimento, da ordem, do progresso, da humanização, seguindo princípios da colonialidade e da modernidade. Como disse mestre Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 30), que chamarei carinhosamente de Nêgo Bispo, “*humanismo* é uma palavra companheira da palavra *desenvolvimento*, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza”. Para desenvolver/humanizar é preciso afastar, desconectar/desintegrar da natureza. Transformar tudo o que não é humano, civilizado, branco em outro, por sua vez, mercadoria a ser explorada.

A humanização, tal qual o desenvolvimento, passa pelo campo religioso, mais especificamente eurocristão monoteísta; “quando o deus dos brancos disse que a terra estava amaldiçoada por causa de Adão e Eva e que comeriam com a fadiga do suor, ele disse que não poderiam desfrutar da natureza como ela se apresenta. Logo, eles precisariam sintetizar tudo” (Santos, 2018, p. 07). E assim eles saíram mundo afora sintetizando – inclusive a si próprios. É pelo seu deus que continuam justificando as violências de gênero, de raça/etnia, de sexualidade, de outras crenças, da própria natureza, (re)produzindo o ‘outro’. Tudo o que não versa sobre a monocultura universalizada trata do outro, por sua vez, o *alheio* ao eu-branco-preto, humano-animal, civilizado-selvagem, deus-demônio, alma-corpo; céu-terra. O binarismo dicotômico cristão compreende uma vida passageira para outra verdadeira, gerando

antagonismos que inspiram o projeto do desenvolvimento. Para evoluir, é preciso transcender, desenvolvendo-se a si pela dominação do corpo, da terra, das águas, dos territórios. É afastando-se da terra que a evolução do humano se faz (Núñez, 2022).

A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade. O desenvolvimento surge em Gênese. Relacionar-se de forma original, para o eurocristão, é pecado. (Santos, 2023, p. 30)

“Mais que um fenômeno econômico ou político, o desenvolvimento é um ato religioso. É uma fé, um culto, uma religião. Não qualquer *religião* moderna em si: a religião da modernidade-colonialidade. O progresso é o credo que professa” (Aráoz, 2020, p. 47). Enquanto o envolvimento cultiva o “bem viver”, a religião do desenvolvimento professa o “viver bem”, e isso não trata de mero deslocamento das palavras. Nêgo Bispo (2018) aproxima o “bem viver” a um “viver de forma orgânica” e o “viver bem” a um “viver de forma sintética”. O mestre posiciona os povos indígenas e comunidades quilombolas como operadores do saber orgânico e os colonialistas como operadores do sintético. Os contratos dos povos dos saberes orgânicos eram e ainda são feitos por meio da oralidade, a confiança na palavra dita basta, uma vez que a relação com a terra dá-se por meio do cultivo. Para esses povos, a terra não os pertence, os povos é que são pertencidos à terra. Já o desenvolvimento invade a terra, tomando-a de assalto, impondo um modo de organização codificado a partir da escritura unificada, demarcando o sistema de poder sob os povos. A criação, a execução e a fiscalização de lei nesse Estado-nação ainda estão sob uma ordem pactual monolítica dos colonialistas. Não ao acaso, “desenvolvimento’ era um outro termo na retórica da modernidade para esconder a reorganização da lógica da colonialidade” (Mignolo, 2008, p. 293).

Para os colonialistas, consumidores do planeta em combustão, os rios, as florestas, o ouro, o que há na natureza é recurso. Preferem consumir até o colapso a (re)memorar, a se haver com as questões do nosso tempo. Pois é preciso seguir adiante, em ordem e progresso. Em *A Queda do Céu*, Kopenawa conta do *ouro canibal*:

[...] as coisas que os brancos extraem das profundezas da terra com tanta avidez, os minérios e o petróleo, não são alimento. São coisas maléficas e perigosas, impregnadas de tosses e febres, que só *Omama* conhecia. Ele porém decidiu, no começo, escondê-las sob o chão da floresta para que não nos deixassem doentes. [...] A floresta é a carne e a pele de nossa terra, que é o dorso do antigo céu *Hutukara* caído no primeiro tempo. O metal que *Omama* ocultou nela é seu esqueleto, que ela envolve de frescor úmido. São essas as palavras dos nossos espíritos, que os brancos desconhecem. (Kopenawa; Albert, 2015, p.357)

Para o povo Yanomami, aquilo que chamamos de “‘minério’ são lascas do céu, da lua, sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 357). O grande Xamã Yanomami, em sabedoria, generosidade e ciência de seu povo, alerta que “se os brancos de hoje conseguirem arrancá-lo [o ouro, o petróleo e outros metais das profundezas] com suas bombas e grandes máquinas, do mesmo modo que abriram a estrada em nossa floresta, a terra se rasgará e todos os seus habitantes cairão no mundo de baixo” (Ibid., 2015, p. 359). Ei, você, consegue ter ouvidos de escutar os espíritos da floresta?

Retrato 8 - Retomada



Fonte: arquivo pessoal²⁷.

3.3. Com quantas mortes se faz uma língua?

Retrato 9 – Sangue Indígena

²⁷ Retrato 8 - a árvore parenta ou a própria anciã do povo Kariri, em 08 de setembro de 2023.



Fonte: Arquivo pessoal.²⁸

Essa é uma escrita-ferida aberta. Relembrar o ocorrido naquele dia é como se reabrisse o ponto daquela ferida que havia sido costurada crua. Não houve anestesia alguma; mesmo doendo, a agulha atravessava a pele e perfurava o mais profundo do corpo. Que dia! Novamente, que dia! Naquela tarde de verão, cheguei na Universidade às 14hs, neste horário tínhamos aula. Como a professora não tinha chegado, me dirigi ao local de sempre, peguei meu cachimbo e sentei debaixo das árvores. Fiquei ali observando a família dos espíritos dos macacos, os nossos ancestrais saguins que dançavam, cantavam, corriam e saltavam de uma árvore para a outra sem parar. Eles estão sempre inquietos, mas naquele dia estavam ainda mais agitados. Notei que dois deles eram adultos, um era mais “jovenzinho” e o outro era um “bebê”, este último estava em um galho mais próximo de onde eu estava sentada fumando. Eles são atraídos pela fumaça do cachimbo, meu avô João já tinha falado isso. A gente não faz fumaça por fazer, nem fuma por fumar. Quando eu estou fumando, estou também abrindo passagem e me conectando com os meus ancestrais. Me olhando, o mico gritava muito; o som bem agudo entrava pelo ouvido e percorria o meu corpo todo,

²⁸ Retrato 9 - pixo com a frase “aqui tem sangue indígena” numa pilastra à esquerda da entrada principal da Biblioteca Central (Bicen) na Universidade Federal de Sergipe (São Cristóvão). Retrato feito em 01 de agosto de 2023.

como se quisesse falar alguma coisa; olhava-me fixo nos olhos. Um pouco mais distante, os outros parentes se comunicavam com ele. Ficou ali uns quatro minutos capturando minha imagem antes de saltar nas costas de um dos mais velhos e continuarem seu caminho, dançando, cantando e pulando para outras árvores. Fiquei ali por quinze minutos. Sempre que termino de fumar, costumo colocar o meu cachimbo “com a boca virada”, na terra. É como se no momento da junção dos elementos fogo e terra, eu me encantasse e viajasse até o seu interior. Sempre fumo em “introspecção”, é como se eu não estivesse presente neste plano, ou, fazendo referência a Davi Kopenawa (2015), é como se eu assumisse o estado de fantasma quando me conecto com os *Xapiris*, encantados. Assim que terminei de fumar, subi as escadas e fui direto para a sala. Como sempre, encontrei com colegas (encantados materializados), trocamos abraços, afetos, conversamos sobre o semestre que se iniciava, sobre angústias referentes ao processo de escrita. Às quatorze e trinta, a professora entrou na sala com um convidado. Deu boa tarde e disse que quando o seu colaborador terminasse sua aula, ela iria “combinar e esclarecer algumas coisas”. Assim, a palavra foi passada. A aula foi sobre “diversidade”; a turma foi receptiva e participativa com a temática. De certa forma, os debates que surgiram no momento da aula tinham algum tipo de ligação com as nossas pesquisas, o que gerou engajamento da nossa parte. Percebendo a empolgação da turma, a professora titular parecia inquieta, e a todo momento interferia desviando a atenção do assunto, levantava-se ou fazia comentários como: “precisamos encerrar a aula, preciso devolver o projetor. Já está acabando, professor?”. Assim o convidado terminou sua explanação, a professora assumiu seu posto na bancada central da sala; o convidado, aparentemente desconfortável tentava disfarçar todo o tempo seu incômodo, mas ele não conseguiu. Já com a palavra, ela nos mostrava um modelo de elaboração e apresentação de tese e dissertação, que segundo a mesma, “havia sido premiado na França inteira; sendo o melhor que existe porque ninguém nunca questionou. Funciona há mais de vinte anos”. Ainda ficou dez minutos contando uma história na língua francesa. Relembrou a relação com a sua orientadora de doutorado; dava para ver que tinha sido uma relação conturbada, mas ela enchia o peito de ar e falava com a boca cheia, “fiz doutorado na Paris 5”. E eu lá sabia que “diabos era Paris cinco!?”. Ela ainda completou: “Se vocês falassem em francês seria melhor, facilitaria tudo para mim”.

Como costumo sentar na primeira fila (desconfio que não só por isso), neste momento ela me direcionou uma pergunta: “você fala francês?”. Pelo seu olhar eu entendia que aquela pergunta era pretensiosa e já era endereçada desde antes; o tom usado na voz, o olhar sobre mim, a escolha do endereçamento.... Porque justamente eu? Tinham outras pessoas na sala.... Imediatamente respondi: “Não, professora. Não falo francês”. Indignada, retruquei: “Porque não falamos em Guarani?!”. Com um leve sorriso em seus lábios e um tom de deboche na voz, ela prosseguiu: “Eu até sei falar algumas coisinhas, meu avô me ensinou. Deixa eu ver... Ah, não me lembro! Fale você!”. Neste momento, tomada por uma força que não me permitiu ficar no mesmo local ouvindo aquela pessoa, me levantei. Saí da sala de aula e fui correndo pelo corredor. Lembro que ele estava vazio, parecia aqueles corredores de hospitais. Com o corpo despedaçado, um aperto na garganta, respiração ofegante e lágrimas escorrendo na face, fui amparada por algumas colegas, que assim como eu, se indignaram e também saíram da sala. Como aqueles abraços foram importantes naquele momento, como se ali, entre colegar e entre mulheres, algum tipo de comunalidade fosse instaurado, um abraço-gesto de resistência pelo envolvimento. Naquela tarde, vivenciava mais uma vez (de tantas, tantas, tantas...) a violência explícita sobre a memória dos meus, sobre tudo que em mim lembra uma origem-Pindorama. Vi escorrer pelo meu corpo o sangue da ferida colonial que nunca foi cicatrizada, pelo contrário, ela é reaberta diariamente por gestos, às vezes mais sutis, outros mais incisivos, como os desta aula, neste dia, dessa professora.

Akauã²⁹

O que uma mulher indígena - com seu cachimbo, seus artesanatos e pintura no corpo – manifesta numa universidade? Que corpo é esse? Que memórias (interditas) ele evoca? A questão aqui não é apenas a da história e do sujeito da enunciação que opõe branco e ‘índio’ nas grandes máquinas duais. A questão do corpo é a de sua apropriação docilizante para fabricação de marionetes (mono)pensantes, (des)sensibilizadas, lineares, binárias em oposição. Que corpo esses olhares (nos) usurpam?

Um lampejo de memória incendiou aquela sala, como se nos convocasse a tracejar um corpo-pindorâmico - aquele que fora roubado, separado, nomeado e individualizado *via crucis*,

²⁹ Convido escutar o canto da Akauã ou Aracuã. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/acaaua>.

desde a ‘descoberta’ de Pedro Álvarez Cabral. O corpo-pindorâmico fratura a forma-dual em termos oponíveis homem-mulher; branco-índio; civilizado-primitivo; Europa-América Latina, França/Portugal-Brasil, sul/sudeste-nordeste. Um corpo é expropriado, tomado de assalto pelo sujeito do saber e da enunciação, corpo abjeto, refugio brasileiro, objeto a ser dissecado, controlado, conhecido, civilizado, embranquecido. Essa pesquisa-artesania se faz de/em corpo-memória de Pindorama fiado em p(l)ano comum anti-racista e anti-capitalista.

Aquele lugar da professora, branca, doutora na Europa a imunizava na injúria mirada justo numa mulher indígena. O que a legitimava? Por que ela achou que tudo que podia dizer ficaria incólume? Supôs que as outras pessoas seriam seduzidas, estariam esquecidas? Qual língua deveríamos saber falar: francês? Não já sabemos o português? E ainda temos que aprender nas escolas e também para fazer provas de proviência o inglês universal. Pela língua poderia ali naquela sala de aula também ser plasmada a racionalidade francesa, ou seria melhor dizer colonial. Poderia uma mulher indígena ser *Alguém*? O que ela estaria fazendo na universidade? Quem fala guarani ou outras línguas que não foram encarceradas pela colonialidade europeia estaria fazendo o que ali na paisagem acadêmica? Ser *Alguém* seria o mesmo que ser branco e falar línguas europeias e, só assim poder estar na universidade?

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. Eu, por exemplo, me tornei conhecedora e especialista em inglês para irritar, para desafiar os professores arrogantes e racistas que pensavam que todas as crianças chicanas eram estúpidas e sujas. E o espanhol não era ensinado na escola elementar. E o espanhol não foi exigido na escola secundária. E mesmo que agora escreva poemas em espanhol, como em inglês, me sinto roubada de minha língua nativa. (Anzaldúa, 2000, p.01)

A civilização nasce da morte, do genocídio, do etnocídio, do epistemocídio. Matar a língua e com ela todo um ecossistema de pensamento e de modos de vida de povos. Afinal de contas, estamos falando da civilização da monocultura (Núñez, 2021), que homogeneiza e planifica com seus mapas linguísticos, com a língua colonizada e colonizante, por proposição. No documentário “Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco” (2011)³⁰, quando entrevistada, Vandana Shiva diz: “uma língua não é só gramática e vocabulário, uma língua é um lampejo de espírito humano. Falar de palavra e língua também é falar de poder”. Para qual povo a palavra é poder? Qual povo com poder da linguagem

³⁰ Dirigido por Carol Black, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Xux89-8MX4>. Acesso em: 16 de Jul. de 2023.

(universalizada) idealizou dominar o mundo, colonizando outros povos? Qual o efeito da palavra-poder do dominador/colonizador sobre a(s) história(s)? Entre silenciamentos, (a)pagamentos e mortes, quem fala a palavra-poder?

Contudo, palavras-lampejos contracoloniais sempre escapolem entre os dedos dos pés, das mãos, entre os dentes, por entre olhos, os ouvidos. Ainda que a violência seja brutal e avassaladora, e isto é lamentavelmente terrível, a vida é mais e, por isso, dá um jeito de vazar. Recorro à pergunta feita por um pesquisador de Cabo Verde a Nêgo Bispo (2023, p. 13-14) para pensar acerca desse lampejo de língua desejanste: “Como contracolonizar a língua do inimigo?”; e ele respondeu: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las”. O mestre nos oferece uma pista sobre palavra, poder, ginga, sagacidade, cantar a palavra do inimigo, nela dar a volta, dando-lhe outro significante em desobediência à gramática civilizatória. Ainda provocando a contracolonização da língua, Nêgo Bispo aponta povos subalternizados pela colonização em rebelia indomável, gíngando *dizências* e malandragem: “Por que o povo da favela fala em gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. [...] E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou. Temos que enfeitiçar a língua” (Ibid., p. 14).

3.4. Com quantas mortes se faz o capitalismo moderno-colonial? E o que uma pesquisa e um(a/e) pesquisador(a/e) têm a ver com isso?

Retrato 9 e 10 - Desenvolvimento



Fonte: Arquivo pessoal³¹.

Era uma reunião com pescadoras(es) e marisqueiras para dialogar com representantes do ministério, organizações federais do meio ambiente e da pesquisa da Universidade Federal de Sergipe. Na frente, com seus *slides*, estava somente um Homem, dizendo representar todos. Apresentou um tal estudo o qual as(os) pescadoras(es) e

³¹ Retrato 9 - de embalagem de açúcar da marca nomeada por Pindorama, em 30 de setembro de 2023; Retrato 10 - de cadeira escolar da marca Desk, cujo slogan remete uma pessoa com cocal, possivelmente um indígena. Essa foto foi feita em uma sala na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, em 10 de novembro de 2023.

marisqueiras não tinham acesso, com resultados c-l-a-r-a-m-e-n-t-e (im)parciais. Ainda tendo outras pesquisadoras da universidade presentes e que uma o interrompeu - dizendo que também era da universidade e que aquela pesquisa não a representava - ele se manteve no lugar de único pesquisador. Ainda um pescador o interrompe e diz que pesquisa cada vez que está no mar, tem outros dados . O Homem prosseguiu com seus dados c-l-a-r-i-f-i-c-a-d-o-s. O ato potente do diálogo foi capturado para fazer da democracia placo dos próprios interesses.

A pesquisa apontava a pesca como o problema da escassez de camarão na região. Apresentada em gráficos estatísticos, certamente para se fazer irrefutável. Enquanto isso, os dados da exploração de petróleo, gás e empreendimentos imobiliários em torno da região dos mangues e beira de mar não eram citadas no estudo. Com o desenvolvimento, a implantação dessas empresas altera diretamente o ecossistema, isso está na pesquisa cotidiana dos povos ribeirinhos dali em constante convivência com as águas, seus viventes e a destruição.

De quantos silenciamentos se faz um monólogo enfeitado de diálogo? Qual seria a (e)vidência do Homem pesquisador e representante de todos? No meio das tentativas de questionamento, o destaque de que não pesquisava sozinho, a comprovação com o *slide* da fotografia de seu grupo de trabalho com outros pesquisadores e uma designação: “Nós somos o grupo dos iluminados!”.

Quero-quero³²

O pesquisador encarna um pacto, colonizado, esclarecido, branco, de nome (completo) pacto da branquitude, conceito formulado por Cida Bento (2022). O pacto expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável, jogando ao esquecimento, produzindo uma história/memória nos moldes do homem-branco-civilizado-escolarizado, a despeito de outros modos de narrar. Falar em nome do outro, nomeá-lo, é racismo. Do que menos se fala e do que mais se faz uso. Você que lê, já pensou sobre isso? (Im)pacto, em pactuação, nega-se o outro do qual já não se fala o nome com frequência, ao contrário, os brancos esquivam-se, ainda que pratiquem cotidianamente, pelo qual sustentam privilégios construídos sob violências de tantos corpos-territórios. Corpo-território. Uma só palavra. Para os povos indígenas, corpo e território são indissociáveis. A separação é coisa de branco. Corpo. Território. Separados ficam mais vulneráveis para o abate. Por outro lado,

³² Convido ouvir o canto do Quero-quero. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/quero-quero>.

[...] o corpo-território é atravessado por uma história, memória coletiva, território ancestral, por processos que formam enquanto subjetividade, sujeitos sociais, consciência coletiva e a ordem desse sofrimento não devem ser consideradas demandas individuais, seria muito perigoso essa aproximação porque impossibilitaria enxergar o território dentro de suas próprias complexidades e tornaria difíceis resoluções, o sofrimento é político, histórico e social. (ABIPSI, Itaynara Tuxá, 2022, p. 15)

O pacto, além de individualizar o sofrimento, suprime as recordações que seriam acompanhadas por embaraço, vergonha e exigências de reparação, porque são recordações relacionadas à escravidão. A produção dessa espécie de esquecimento torna intactos os privilégios herdados pelos brancos, colonialistas, escravocratas. Por isso, é incontornável falar da herança da escravidão, uma vez que costuma-se focar nos impactos negativos para as populações negras, sobrepondo a herança escravocrata e seus impactos positivos para as pessoas brancas (Bento, 2022). Enquanto as pessoas negras sofrem com os impactos da escravização e suas atualizações nesses tempos (ainda) coloniais - como a atitude naturalizada de não se levar em conta seus saberes e posicionamentos numa ‘mesa de negociação’ sobre seus modos de vida -, não se fala dos privilégios de pessoas brancas, ou seja, das posições de poder ainda hegemonicamente assumidas - tal como a do pesquisador iluminado, que fala em nome de todos -, repercutindo a lógica colonizadora que não morreu com a ‘independência’ do Brasil, em 1822, nem com a ‘abolição’ da escravatura em 1888.

O pacto da branquitude tem até filha, chama-se meritocracia. Meritocracia é a filha querida, aquela da qual falam pelos quatro cantos, pela qual justificam toda e qualquer ‘conquista’, sustentada pelo discurso de depender exclusivamente de esforço individual, das tais ‘habilidades e competências’ pessoais, sem nenhuma relação com contexto político-social – tudo depende isoladamente de você, indivíduo. Os agentes do pacto ainda defendem devotamente que todas as pessoas têm as mesmas possibilidades e oportunidades, independentemente de raça, gênero ou classe, basta apenas ‘esfoçar-se’.

Em pactuação, o pesquisador branco tem méritos, se diz especialista em humanidade, teorizando sobre os povos e comunidades tradicionais, nesse caso específico, pescadoras/es artesanais. Deleita-se em seus discursos de paz como quem tem memória curta demais para lembrar dos investimentos em violência, conflitos armados, massacres desses mesmos povos; lembrar das cercas nas águas, da vigilância armada particular – às vezes um próprio companheiro – fazendo ronda e proibindo a circulação em áreas que há bem pouco tempo eram de uso comum. A paz é mesmo branca e banhada de sangue, em sua maioria, ‘não-branco’, branco apenas por efeito colateral. A paz tem dentes de ouro canibal, ouro vindo da

escravização, da invasão de terras indígenas, do garimpo ilegal. Para seus dentes serem de ouro maciço, rios correntes nos corpos-territórios indígenas são contaminados com mercúrio, descaracterizando-os, alterando a direção de suas águas (De-Paula; Lama-Corrêa; Tutunji, 2006) – contaminadas pelo desencanto.

Mesmo quando não compactua diretamente com a branquitude, ainda assim, a pessoa branca é beneficiada pela perpetuação de privilégios reproduzidos a partir e por meio do racismo. *Existir violentamente*, foi assim que Eliane Brum (2021) chamou sua experiência de existir como pessoa branca, certa de que a condição de pessoa branca num país racista como o Brasil, por si só, nos mira a experiência cotidiana de sermos violentos apenas por existir. Nós somos pessoas racializadas que incorporamos a reprodução de um projeto de branqueamento e apagamento étnico. “É duro reconhecer e sentir nos ossos, a cada dia, que existo violentamente. Não posso escolher o contrário, porque essa é a condição dada a mim neste momento histórico” (Ibid., p. 18). Por isso, como pessoa branca, não basta simplesmente não ser racista, é preciso ser atentamente antirracista, como disse outrora a filósofa Ângela Davis³³. Isso não passa por assim se adjetivar, antirracista, mas por cultivar uma atenção para o que em nós e em nosso entorno insiste em colonizar, expropriar, segregar, hierarquizar, violentar, dominar.

Desse lugar, há tanto o que se fazer. Em o *Pequeno Manual Antirracista*, Djamila Ribeiro (2019) diz que se perceber é transformador. Permite situar os privilégios e as responsabilidades diante de injustiças contra grupos sociais vulnerabilizados. Pessoas brancas como nós, por exemplo, devem questionar por que em um restaurante, muitas vezes, as únicas pessoas negras presentes estão servindo, ou se já foram consideradas suspeitas pela polícia por causa de sua cor ou, ainda, se cruzar com um homem negro pela rua, sentem-se em risco. Trata-se de questionar a ideia de sujeito universal, branco, por meio da qual se instaura toda uma série de subalternações e interdições. O racismo foi inventado pela branquitude, que deve, então, se responsabilizar por ele e procurar incalsavelmente materializar formas de reparação.

Retrato 11- Herança

³³ Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/esportes/nao-basta-nao-ser-racista-e-preciso-ser-antirracista/206577/>. Acesso em: 31 de Maio de 2023.



Fonte: Arquivo pessoal.³⁴

Em Pindorama, a base trabalhadora é composta, principalmente, por mulheres negras, ocupando, em maioria, funções com menor remuneração e piores condições de trabalho (Bento, 2022). Aqui nessa terra, feminismo não tem a ver com o direito da mulher trabalhar fora de casa. Mulheres pretas sempre trabalharam, escravizadas de ontem em atualização no hoje. Ainda assim, nesse mesmo país que ainda vive o mito da democracia racial, em negação à própria história, o último ex-vice presidente, em uma entrevista ao Jornal CNN Brasil, chegou a proferir: “No Brasil, não existe racismo³⁵”.

Sinto a necessidade e a urgência de nós, pessoas brancas, marcarmos essa raça que é privilegiada historicamente, mesmo quando abrangemos a branquitude para pensarmos nas especificidades de pessoas brancas pobres, periféricas, sexo-gênero dissidentes, deficientes, ainda privilegiadas se em comparação a uma pessoa negra na mesma situação. A grande maioria da população brasileira, identificada como minoria, homogeneizada, individualizada, posicionada no lugar de vítima para mais uma vez ser conduzida pelas mãos do Estado, pai estuprador. Maioria minorizada pela infecção da supremacia branca proliferada pelo que podia se dizer tratar das “boas intenções” de colonizar, catequizar, civilizar. Exemplo disso é a fala de William McKindley em 1900, registrada no mesmo documentário citado acima: “A bandeira

³⁴ Retrato 11 - pixo com a frase “Aí bacana, sabe pq eu não tenho bens. Pq minha família nunca escravizou ninguém”. Está embaixo de um viaduto localizado na zona sul na cidade de Aracaju-SE. Esse retrato foi feito em 28 de junho de 2023. No início de 2024, a parede foi pintada de cinza por operadores da prefeitura da cidade.

³⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/no-brasil-nao-existe-racismo-diz-mourao/>. Acesso em: 17 de Jun. de 2023.

estadunidense não foi fincada em solo estrangeiro para adquirir mais território, mas sim para o bem da humanidade”. E, assim, com “boas intenções”, escravizam-se e exterminam-se povos e modos de vida em nome do que se convencionou chamar de “bem para a humanidade”: a modernização, a modernidade, a colonialidade. Para o bem da humanidade, humanos de bem: Europa e América do Norte.

Maioria que a branquitude minorizou. Assim, estancam-se por fagocitose devires minoritários, interceptam-se a processualidade desejante, educam-se ouvidos e olhos que não são mais capazes de conhecer os desejos da terra. Mas algo de Pindorama insiste em nós, um corpo-memória-povoado inscreve-se por entre as letras, as palavras, as brechas desse texto, dessa pesquisa, dessa universidade, movido pelo desejo de habitar um lugar-lutar-escutar-escrever para que ainda esta e as futuras gerações “possam viver num país em que um branco não exista violentamente apenas por ser branco. E para isso é preciso escutar. E, principalmente, perder privilégios” (Brum, 2021, p.18). Ei, você, pessoa branca, está disposta a perder seus privilégios?

3.5. Com quantas mortes se faz o conhecimento científico monopensante?



Fonte: Arquivo pessoal.³⁶

Estamos cansadas. Não é de hoje que as grades escolares ditam o que é legítimo ou não, verdade ou ficção, pensamento ou ação, ovelha ou pastor. Estamos cansadas, mas, não com medo da fragilidade, isso quem tem são vocês. Fragilidade é pecado para quem tem medo de pensar. Fragilidade é pecado para quem está identificado com o lugar do agressor ou da vítima; para quem ainda tem medo de cair ou está encantado com o lume do paraíso vindouro. Nós aprendemos a cair. Não nos interessa as supostas totalidades amontoadas no paraíso platônico das luzes. E, antes que vocês pensem que isso só nos interessa por sermos dadas à poesia, à histeria, à cólera, às sodomias e às travecarias, já que temos evidências demais que isso é matéria que vocês não alcançam - tão ilesos aos paradoxos do viver. Saibam, no entanto, que isso não nos interessa por honestidade e, mais, por rigor epistemológico. Não somos tolas em apressar o distanciamento entre deus e ciência como se estivesse óbvio demais que uma coisa não pudesse respingar na outra; e tampouco somos históricas com presunções sobre o valor científico. Históricas são vocês que mascaram a radicalidade da parcialidade e a inevitabilidade do paradoxo. E mais, que vêm no corpo algum

³⁶ Pixo com a frase “*Seu conhecimento serve a quem*” na parede ao lado de uma das entradas da didática das ciências humanas da Universidade Federal de Sergipe (São Cristóvão). Retrato feito em 12 de junho de 2023.

pecado, salvaguardando a cabeça. Não somos avessas a números, tabelas, revisões, metodologias de terceira pessoa, laboratórios, tecnologias, questionários e afins. O que nos agonia é a sustentação de uma fantasia de um paraíso, também edípico, quem sabe, por nome de Éden - harmonioso, límpido, claro, feliz, incorruptível e dicotômico. Por outro lado, o esforço demasiado humano em representá-lo aqui, na Terra das Palmeiras, em Pindorama: terra que não falta. Mas, ouçam bem, não há problema algum que continuem a tentar, a questão que lhes fazemos é por que não reconhecer nisso também uma parcialidade? Por isso afirmamos que somos honestas e esquizo! Assumimos, desde já, que verdades são ficções. Já vocês, estão fadados a acreditar que compromisso ético-político se resume à justificativa de um trabalho, ou ao desdobramento seco de estratégias a partir de dados estatísticos, mas, confundem-se e esbravejam quando lhes pedimos passagem para não separarmos conhecimento e realidade, pesquisar e habitar, escrever e viver. Me digam vocês o que é educação e ciência, mas, peço-lhes, uma coisa, uma única coisa: me digam a partir de quem e com quem estão dizendo. Não achem que lhes pedimos simplesmente uma lista de nomes não, nós também o temos, afinal. O que queremos é saber com quem vocês falam, os nomes, as histórias, os modos de vida, do (con)viver e de produzir mundo, os alinhavos epistêmicos e ontológicos que fazem. Faremos o mesmo, mas não porque desejamos somar nossas partes, e sim porque esperamos que seja possível haver espaço para diferença e para a honestidade. Não nos interessa o-bê-dê-cê, tal como nos ensinaram a cópia sob modelo na educação infantil, interessa-nos, pois, que seja possível produzir pensamento, pensar de corpo todo. Ou esqueceram que até um tempo atrás nossas mãos, pés e poros também nos ensinavam coisas? Vale a pena lembrar, mas, cuidado, é perigoso; é maquinaria alquímica, ancestral.

Araquã³⁷

A universidade, a ciência, o conhecimento científico, em toda sua linearidade e verticalidade, em pacto com a branquitude, de masculinidade imbrochável, torna objeto (de pesquisa) qualquer vivente, desde que se mantenha intocável, impensável, em posição

³⁷ Convido a escutar o canto do Araquã/Aracuã. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/aracua-pequeno>.

justificada pela neutralidade e universalidade. Como disse sabiamente Nêgo Bispo (2018, p. 03), “o conhecimento colonizador não faz curvas”. O conhecimento monopensante é reto, rígido, ereto, construído para manutenção do sistema moderno-colonial baseado na opressão de raça, classe, gênero e sexualidade, também de mais que humanos. O pacto e seu mantenedor, o racismo, ambos a universidade conhece bem. Estão expressos em cada canto de suas construções esguias, higienistas, eugênicas. Os projetos cruzam-se e sustentam-se; universal, universidade, universalizada, universalização.

Qual o um-uno-todo que vive pelo assassinato da (bio)diversidade? A presença de pessoas negras e indígenas na universidade incomoda a retidão. Essa presença irrompe a paisagem universitária e faz curvas onde, por pactuação, não deveria. Não por acaso, a persecutória deslegitimação mobilizada por violências estruturais e estruturantes de um lugar branco e de uma ciência branca legitimada como conhecimento. A universidade ainda fecha a porta e ergue muros para saberes populares, tradicionais. Com a chegada de mais pessoas negras e indígenas a partir da execução da política de cotas, a diferença segue sobrecodificada, traduzida em hierarquizadas, desigualdades sociais, recortes de raça, classe, gênero e sexualidade partindo do referencial mundo do homem branco e ‘seus’ conhecimentos advindos do saqueamento das tecnologias, saberes, territórios, corpos de outros povos.

O anúncio de “portas abertas” na universidade não diz do detector racial; cadê as comunidades ao entorno, que uso conseguem fazer desse espaço? A que(m) está a serviço a restrição e limitação de acesso? E os muros físicos e/ou imaginários? Quem são as pessoas que estão em seus quatro cantos? As portas que se dizem “abertas” estão restritas a palavra, aquela sinalizada na placa, redigida em documentos; enquanto que as portas, na verdade, estão muito bem trancadas. Há algo de óbvio nas palavras “portas abertas”, redigidas pelos pilares estruturantes na nação da ordem e progresso. Será que há algum complemento ilegível? Se for, tenho uma sugestão para o complemento: portas abertas para bem branco, bem cis, bem hetero, bem colonizado, bem educado, bem civilizado, cidadão de bem. Isso é óbvio, nem precisaria ser dito. Mesmo assim, insisto em complementar. Nesses tempos, o óbvio precisa ser enunciado. Seguindo o que Cida Bento (2022) propõe, não é por acaso que a branquitude pressupõe a não racialização das pessoas brancas; a perspectiva colonizadora euro hegemônica, projeta a pessoa branca como universal e superior às outras. É óbvio que as portas estarão abertas somente para elas, humanas. Logo, racializar as pessoas brancas é fundamental para redimensionar a cor da narrativa universalizada, o sentido de “portas abertas” e o que costumamos ali entender como conhecimento. Pois bem,

[...] qual conhecimento é reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (Kilomba, 2019, p.50)

Quem permanece nas margens, ou nas paredes? As paredes das universidades têm cor e cheiro de sangue. Sangue que também está nas portas e portões, sangue que escorreu das línguas e dos corpos que morreram e estão morrendo para que o português domasse gargantas e almas. A acústica universitária isola gritos confinados numa garganta desalmada - para os guaranis, *ahy'o* ou *ñe'e raity* (como chamam garganta) significa literalmente “ninho das palavras-alma” (Rolnik, 2018, p. 28). O grito foi isolado e segue contido, o sangue que escorreu hoje é plasma seco encrustado. Mas, o mesmo sangue e o mesmo grito percorrem toda sua estrutura, de algum modo ali se faz presença e demarcação. As pessoas negras e indígenas que ali conseguiram a duras penas adentrar, que nunca se imaginaram entrando numa sala de aula para serem e-s-c-u-t-a-d-a-s, invadidas por essa presença, ousam falar, marcar suas ciências, maneiras de viver, olhar e escrever, ensaiando com as palavras uma dança cósmica e ancestral (Krenak, 2023), bem ali na universidade. Mas,

[...] não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós. [...] Somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. (Kilomba, 2019, p. 51)

Universidade, um mundo branco, marcado por violências. A experiência branca transposta nos espaços acadêmicos, (re)inscreve violências em escritas brancas protegidas por blindagens teóricas, conceituais e, sobretudo, na universalização tanto de um sujeito-autor quanto das experiências e subjetividades abordadas, quase sempre referidas como “outras” (Bernardes; Hüning; Oliveira, 2022) – *alheias*? Como “outras”, a violência atualiza-se também quando é relegada às pessoas negras e indígenas um espaço na academia somente para falar de questões de raça/cor/etnia.

Com isso, não quero dizer que as pessoas indígenas precisam estar compulsoriamente dentro das universidades para ser *alguém* ou somente para falar do “viés” de raça/etnia que, colocado dessa forma, parece exclusivamente lhe constituir. O que quero ressaltar é que são outros modos de viver, outros conhecimentos que lhes constituem e, ainda que esses conhecimentos tenham sido assaltados pelas pessoas versadas, universitárias de dentro dos

territórios, não são legitimados como científicos, a não ser se um branco lhes traduza, lhes ‘dê voz’, lhes enriqueça.

O rótulo de ‘científico’ atribui uma espécie de sacralidade ou imunidade social ao sistema ocidental. Ao se elevar acima da sociedade e de outros sistemas de saber e simultaneamente excluir outros sistemas de saber da esfera do saber fidedigno e sistemático, o sistema dominante cria seu monopólio exclusivo. [...] A ciência ocidental moderna não deve ser avaliada, deve ser simplesmente aceita. (Shiva, 2003, p. 24)

O que quero dizer é que indígenas que escolhem estar no espaço universitário, que tenham por direito compuserem a universidade, de serem graduadas, mestras e doutoras sem deixar de serem indígenas, estudando, falando e escrevendo pela inscrição, pela afirmação de seus modos de vida. Isso talvez possa se constituir como estratégia de demarcação, de uma invasão gentil da qual Krenak (2023) fala, de uma contra-invasão que evite o céu de cair, ou que adie um pouco mais sua queda. Na contramão de ser massa de manobra para a reprodução de embranquecimento, como visam os projetos de escolarização-civilização. Lembremos a pista indicada por Nêgo Bispo (2023): vamos pegar as estratégias do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas histórias, saberes, ciências, jeitos de narrar e de viver, gritos, passos que estão enfraquecidos e vamos potencializá-los. Deste lugar (da universidade), que as pessoas indígenas possam, do seu jeito, com sua língua de sangue e de fogo narrar as histórias, compor os conhecimentos, as escrituras. Estes, seriam, ainda assim, científicos? Responda você, branco!

Foi através da escrita que nos mataram (epistemicídio, subjeticídio) e será através dela que nos reergueremos nos registros da história, deixando um legado que nunca passará, pois independente do tempo seremos sujeitos (indígenas) atentos ao chamado (chamado ancestral), que nos movimenta, orienta e instrumentaliza os nossos corpos, as nossas lutas e essa é a nossa condição/missão. (ABIPSI, Itaynara Tuxá, 2022, p. 20)

Por isso, há que rasgar, retalhar, aldear, aquilombar, cantar, dançar, ritualizar, alegrar até brotar uma *pluriversidade*, não pública, e sim popular, bem ali no solo da universidade. Quebrar os muros, rachar o concreto, desgradear os conhecimentos amontoados e embolorados nas grades curriculares e fazer teia, povoar, colorir. Aguar tamanha aridez. Como Glória Anzaldúa (2000) recomenda, há que jogar fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Justo de dentro desse lugar privilegiado que é a universidade, tramar desaprendizagens e desprendimentos de si e deste mundo colonial-capital, desviando do conhecimento reto ‘bem educado/comportado’, brincando com as formalidades, pintando de urucum e genipapo os

quadros brancos, pixando inscrições e denúncias nos seus quatro cantos. Seguimos a orientação e sabedoria do velho Nêgo Bispo (2018): na universidade, há que contracolonizar. A universidade se abrir às falas, línguas, narrativas indígenas e negras. Na universidade, fazer confluência com os saberes e fazeres do povo de Pindorama. “Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização” (Ibid., p.06-09). Uma insistência. Uma ardência. Uma cantoria. “Não seremos interrompidas”³⁸.

4. CANTAR NA RODA, RODAR NA GIRA, SUSTENTAR O CÉU E SONHAR (VELHOS) MUNDOS

Retrato 13 – Ciranda encantada

³⁸ Frase dita por Marielle Franco na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro em 08 de 2018, após uma a interromper gritando o nome de um torturador na ditadura militar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f18czAgJGUE&t=383>. Acesso em: 08 de Jul. de 2023.



Fonte: Arquivos pessoal³⁹.

Saber como chegar, pisar manso, na artimanha de não deixar rastro. A chegança envolve preparo; malemolência é uma questão de ciência. Chegar pedindo licença por incivilidade, indomável, insurgente e selvagem, ao que os colonialistas tentaram adestrar por “boas maneiras”. Chegar pedindo licença diz de ser cosmo, de quem caminha e não anda só, carregando povoação com e em seus modos de bem viver, costumes, línguas, tempos, ancestralidade, corpo-território para em artesanaria compor diferença em confluência. Saber chegar e saber sair. Vamos chegando por aqui com Exú na frente, ao lado, no centro, atrás; nessa encruza, Exú “é o começo, atravessa o avesso, Exú é o travesso que traça o final, Exú é

³⁹ Retrato de um dos momentos da VII Jornada de Agroecologia da Teia dos Povos na comunidade pesqueira e quilombola Conceição de Salinas (BA), em 30 janeiro de 2023. Nesse momento, a Anciã Mayá Pataxó Hã Hã Hãe, referência na educação indígena de seu povo, ritualizava junto a seu povo.

o pau no caule que sobe, o caminho de além do bem e mal, o dito e o não dito, é o laço e o atalho”⁴⁰. Exú nos descarregue de todo desencanto dos “cabeças secas”⁴¹ que se alimentam do sangue da gente.

Depois de girar pela linearidade da gente sintética, colonialista, desencantadora de vida, operadora do projeto civilizador colonial eurocristão monoteísta (Santos, 2023), como também do capitalismo moderno-colonial (Aráoz, 2020) e do regime racializante-colonial-capitalístico (Rolnik, 2018), convido a tomar um banho de mar para descarregar e se acercar nessa roda de mestras(es), anciãs(ãos), crianças, encantados, povos das ruas, das matas, humanos e mais que humanos, seguindo por encarnar contra-memórias de contra-histórias, criando um corpo-memória numa confluência e invasão contracolonizadora.

Tragam junto seus povos, suas memórias, descalcem os pés, deixem a fumaça do *pawi* desanuviar o juízo e se ponham de corpo presente aqui nesse texto. Tome uma dose e ofereçam outra. Entrem nessa gira, deixem o encanto palavreiro tomar o corpo em ginga, aprendendo a malandragem de dançar nas esquinas, ruas, encruzas dessas cidades-cemitérios. Pisem, pisem forte e manso, ainda que no concreto, com a intenção de saldar e sentir a terra asfixiada que segue viva.

Pode chegar povo da calunga, povo das matas, povo das encruzas. Achequem para essa encantaria. Essa gira se moverá nesse papel morto, na tentativa de encantar alguma vida por onde for. Como quem canta imagens sopradas pelos ventos, o corpo movido em conjunção. Esse palavreado escriturado é demanda de despacho na colonialidade eurocristão monoteísta, à ser entregue na encruza, arriado nas esquinas desses territórios que em adestração chamaram de Brasil. Poderíamos utilizar desse trabalho para desconjurar o desencanto contaminado pela organização reta e vertical dessa monocultura cosmofóbica. Porém, como se alimentam de ódio, não vamos dar esse gosto. Em vez disso, vamos cantar e dançar para chamar mais e mais povos das encantarias. Eles se queimam por dentro vendo o povo feliz. Então, sigamos no embalo do Coco de Umbigada:

[...] Tá na hora do pau comer/ Pro índio ser respeitado/ Tá na hora do pau comer/ Pro terreiro ser protagonizado/ Tá na hora do pau comer / Pra derrubar as concessão/ Tá na hora do pau comer/ Chegou os ponto de cultura/ Tá na hora do pau comer / Pra fuder com a estrutura/ Tá na hora do pau comer/ Fazendo arte insurgente/ Tá na hora do pau comer/ Fazendo a cabeça da gente / Tá na hora do pau comer. (Coco de Umbigada, Valdi Afonjah e Mãe Beth de Oxum)⁴²

⁴⁰ Música do álbum *ascensão* da artista Serena Assumpção, lançado em 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SvCdDETzeoc>. Acesso em: 17 de Fev. de 2024.

⁴¹ É assim que alguns povos indígenas do Nordeste se referem aos brancos mantenedores da lógica exploratória de expropriação genocida colonial. Que essa lógica seque, como as suas cabeças.

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T0Z-p8MbxoI>. Acesso em: 02 de Fev. de 2024.

Dançar, jogar com o corpo, fazer parêa. Corpo tão frequentemente alvo do adestramento e individualização. Ainda mais por isso, encantar o corpo, manifestar insubordinação e rebeldia, povoá-lo de gente e alegria. Um corpo contracolonizatório, como diria o mestre Nêgo Bispo. Um corpo que não conhece domaço colonial, a seguir selvagem, de punho cerrado e língua afiada feito navalha. Nem um litro de cachaça lhe faz tombar. O mestre diz mais: “quando nós falamos tagarelado e escrevemos mal ortografado. Quando nós cantamos desafinado e dançamos descompassado. Quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesado não é por que estamos errando, é porque não fomos colonizados”⁴³. O projeto colonizatório eurocristão monoteísta segue seu curso. Porém, aqui nessa roda, está com os dias contados.

Vamos, assim, no balanço espiralar de tempo, na contra-memória da rima, fazer corpo-memória-poesia, corpo-oralidade, cantando imagens de contra-histórias, ciências desde a terra, geografias vivas que pisam manso e descalço, escutam o chão onde pisam, guiam-se pelo tempo acima de suas cabeças e embaixo da terra. Soprar histórias, lembrar para acordar o esquecimento, encarnar contra-memórias vivas em nós e as que passam desde tempos outros; brincar com essas imagens palavras, até fazê-las dançar e escutar a vida dizendo de si. Não perder de vista: as histórias têm vida própria, escute suas imagens dançarem. O fogo não queima memória-povoação:

[...] Fogo! Queimaram Palmares, nasceu Canudos. Fogo! Queimaram Canudos, nasceu Caldeirão. Fogo! Queimaram Caldeirão, nasceu Pau de Colher. Queimaram Pau de Colher, nasceram e nascerão tantas outras comunidades que cansarão de queimar. Porque mesmo que queimem a escrita, não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados. E mesmo que queimem os corpos, não queimarão a ancestralidade. (Nêgo Bispo)⁴⁴

Como disse José Everá durante “V Seminário Griô: culturas populares”, em novembro de 2023, “as raízes sustentam o mundo”. Raízes e ramificações nos sustentam, assim, nossa memória dança e canta. Lembro da anciã do povo Kariri, quando ela contava do processo de retomada de seu povo em outro território depois da expropriação pelo Estado. A árvore ancestral que havia sido a primeira assassinada no território, corpo-memória-viva, uma parenta dela (ou ela mesma) nascia - começo, meio, começo - no território em retomada. As raízes que sustentam o mundo encantado vivem desde as profundezas.

As árvores também tombam na universidade, lá não estão mais, mas suas raízes correm no subsolo, abaixo de todas aquelas construções, conectam-se. Árvores-anciãs, corpos-

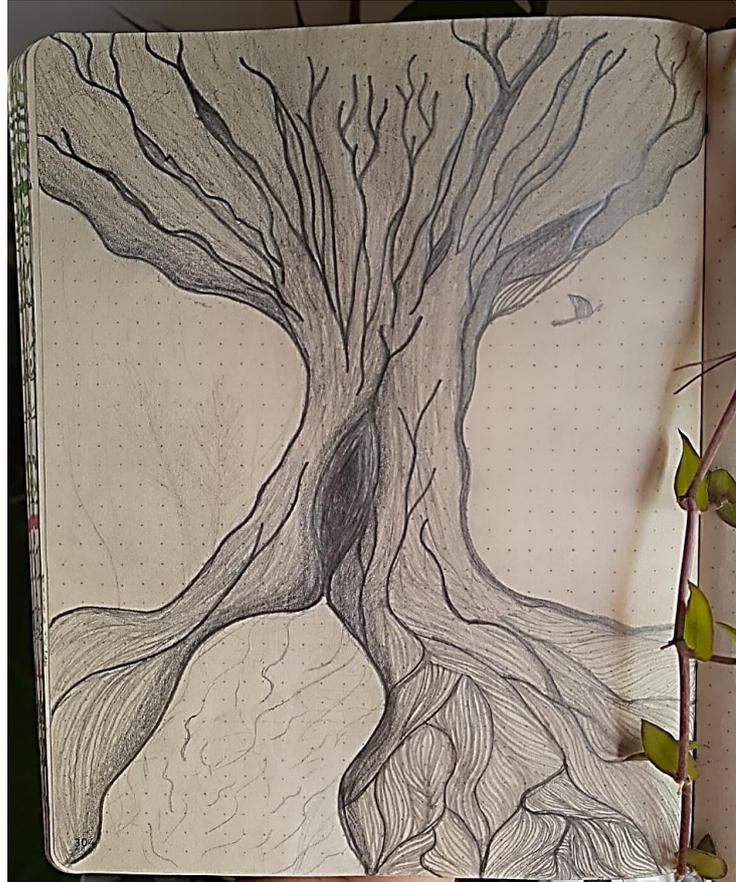
⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0aLHB6PZuU/>. Acesso em: 11 de Fev. de 2024.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpDhT7tj8gj/>. Acesso em: 10 de Fev. de 2024.

memória, raízes pulsam contra-histórias que circulam pelos tempos seguindo a tecer histórias e vidas. Na encruza do tempo, os troncos engiam, enrugam e as raízes ao fundo mergulham enramando horizontes de ancestralidade. Árvores anciãs, cada uma com suas vivências e ciências.

4.1. As curvas espiralares do tempo semeando envolvimento

Retrato 14 – Árvore-anciã-curumin



Fonte: Arquivo pessoal.⁴⁵

Era 07 de setembro. O dia acordou com a aparição cantante da Lavadeira-da-Mata (ou Soldadinho do Araripe), uma das guardiãs da Chapada do Araripe - passarinho ameaçado de extinção, como tantas outras aves guardiãs. Naquele dia, o povo Kariri Xocó retornava pela primeira vez naquele território em que há memórias de seus ancestrais Kariri terem passado antes de chegar no território onde está a aldeia Kariri Xocó.

Pedimos licença, acendemos os *pawi* e entramos na mata. Estávamos em umas dezesseis pessoas, embora a sensação era de sermos um bando com centenas. Caminhávamos manso, em silêncio, no embalo do vento, do balanço daquelas árvores nutridas de histórias e memórias, ao som das águas correndo. O tempo girava feito criança brincando. Seguíamos, passando por nascentes e suas águas correntes onde

⁴⁵ Retrato de desenho feito quando o vivido na Chapada do Araripe, em 07 de setembro de 2023, não dava para traduzir em palavras. O corpo gesticulava, as águas em mim transbordavam. A imagem da árvore-anciã conduziu a criança Kariri Xocó que nos acompanhava a ser (com)sagrada mestre do canto de seu povo, enquanto uma nascente d'água corria por entre suas raízes à vista. Enquanto a criança entoava o canto de seu povo, via a mata embalar em confluência.

parávamos e cantávamos com o som de nosso corpo e dos maracás, saldando nossas vidas em compartilhamento.

Circulando pela mata, cada pessoa foi se demorando por onde a convocava. Fui seguindo até avistar uma árvore numa parte mais alta que me chamou. Fui até ela. Chegando, pousei o corpo com a sensação de colo. Era uma árvore de tronco e raízes largas, certamente estava ali desde tempos – a sensação era de estar no colo de uma avó anciã. Por entre suas raízes, corria uma nascente. Seu tronco lembrava a imagem de uma vulva. Segui pousada naquele colo.

Senti a terra balançar de repente, em seguida ouvi o som do canto Kariri Xocó. Vinha chegando em toré, balançando a terra com o som do maracá. Vi as plantas ao redor dançarem. Subiram até lá em silêncio. O Cacique se aproximou da nascente, banhando a cabeça, o cocar. Depois disse que aquele é um momento muito importante para seu povo e inicia a (com)sagração da criança Kariri Xocó que nos acompanhava como mestre do canto de seu povo.

Lavadeira-da-mata⁴⁶

Pode uma criança ser anciã, imbuída de saberes ancestrais? Quem pode saber? Qual tempo embala os povos das cosmologias? O tempo cronos, deus da linearidade fixa, definitivamente é que não é. Neste tempo linear, a criança é um potencial *alguém* ainda por vir, a pessoa velha foi *alguém*, onde nem o passado nem o futuro existem, somente o presente, isto é, a pessoa adulta operadora do sistema de poder colonialista, essa sim é *alguém*. Uma criança mestre do canto de seu povo, outra política de tempo, de saber/conhecimento, outra ética de vida. Pelas bandas onde começo, meio, começo fluem em espiral, e “no corpo o tempo bailarina” (Martins, 2021, p. 21), o tempo é semente, por isso, não desfaz em fim, mas em movimentos, trocando a pele, inscrevendo temporalidades, cirandando começos, meios e começos, infinitamente. A serpente nas histórias bíblicas cristãs é sinônimo de pecado, a cobra aqui é manifestação de vida e sacralidade; a cobra guardiã da árvore-ancestral do povo Kariri adiou por um dia o assassinato daquela ancestral.

Um dia, uma vida inteira. A cobra conta histórias de tempo, movendo-se e trocando a pele. Habitante das profundezas daquele tronco, convivente. Guardiã do tempo, vivente da encruza por baixo e por cima da terra - o tempo é a própria encruza. Porque “antes de uma

⁴⁶ Convido escutar o canto da Lavadeira-da-mata, também conhecida por Soldadinho do Araripe. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/soldadinho-do-araripe>.

cronologia, o tempo é uma ontologia, uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos” (Martins, 2021, p. 21). O tempo é entidade, feito de curvas que brincam com a linearidade endeusada pelo pensamento ocidental, enquanto borra a civilidade adestradora.

Aprendi cedo enquanto via os adultos se benzerem ao passar pelas encruzilhadas do nosso povoado: encruza é passagem de encantarias. Na cidade, não via aqueles gestos. Por que será? Uma coisa é certa, esteja onde for, encruzilhada pede presença, licença e atenção, ainda que seja atravessar para o outro lado com medo do diabo. Se o deus das religiões judaico cristãs, segundo os padres que ouvi, estão na igreja, quem estaria nas encruzilhadas e nas ruas?

Na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras [...] a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo frequentemente traduzidas por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção. (Martins, 2021, p. 51)

Como nos descarregar do tempo apropriado pela palavra e pelo relógio guiado pelo ponteiro de um projeto civilizatório desenvolvimentista, comedor da terra? Afinal de contas, para eles, tempo é dinheiro. Esse tempo é um passarinho enjaulado, fixado na linearidade, de canto asfixiado. É assim que na filosofia ocidental se produz um tempo que está mantido nos mapas político-linguísticos, no âmbito da linguagem, exprimido pela palavra. A própria palavra tempo torna-se uma aporia, sendo logo o tempo capturado como palavra em sua expressão escriturada (Martins, 2021). Um tempo puxado a fórceps. Um tempo operado por um deus que vigia e pune, e não o tempo como a própria entidade. É o tempo do desenvolvimento, interessa-se pelo que há de mais adulto, produtor, civilizado/adestrado/colonizado o suficiente para reproduzir e operar o capitalismo moderno-colonial.



Fonte: Arquivo pessoal.⁴⁷

A questão por absoluto aqui é nos descarregar desse tempo da perspectiva eurocristã monoteísta, como diria Nêgo Bipo (2023). Essa perspectiva (euro)centralizada como a principal, a qual mira a universalização, como que essa fosse a única perspectiva possível. Este é um entendimento de tempo produzido para a industrialização e mercantilização dos modos de vida. O tempo guardado em escrituras grafadas em árvores mortas. O tempo encarcerado em objetos saqueados, expostos vitrines de museus. O tempo reto que não se dobra. O tempo automático, fixado e fugaz. O tempo do cansaço. O tempo dinheiro. Quem mais tem dinheiro mais tem tempo, é o que eles costumam dizer. O tempo da *plantation*⁴⁸.

O tempo das estações no hemisfério norte e sul são diferentes, assim como em territórios diferentes de um mesmo país, como é o caso daqui. O tempo de crescimento de uma hortaliça e de uma árvore frutífera ou medicinal são diferentes. O que está em ponta de flecha aqui são as experiências encarnadas no gingar da encruza do tempo, entre tempo e corpos - corpos humanos e mais que humanos. O corpo que se movimenta no tempo enquanto também figura

⁴⁷ Retrato no pelourinho, em Salvador (BA), de um beco povoado por intervenções artísticas, em 11 de novembro de 2023. Na parede esquerda do beco estão algumas palavras-encantadas: “Oxalá”, “Oba”, “Mãe Menininha”, “Ossain”, “Obaluaê”, “Oxum”, “Odojá”, “Ode Kayode”, “Xangô”, “Iansã”, “João da Gomeia”, “Q bons ventos 7”, “Odé”, “Preto Velho”, “Iansã Bale”, “Sultão”, “Ogum”, “Oxumaré”, “Tempo”, “Exu”, “Orumilá”. À direita, a frase: “Jesus foi na boca mas já tá voltando”.

⁴⁸ “A *plantation* escravista era o centro de uma economia globalizada que abastecia os/as habitantes da Europa de açúcar, café, tabaco, especiarias. Essas mercadorias alteraram radicalmente as preferências alimentares, assim como o status social e o modo de viver, acolher e representar” (Vergès, 2023, p. 8). “Um sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX, principalmente nas colônias europeias nas Américas, que consistia em quatro características principais: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravizado e exportação para a metrópole. Esse sistema criava ainda uma estrutura social de dominação centrada na figura do proprietário do latifúndio, o senhor, que controlava tudo e todas/os ao seu redor” (Kilomba, 2020, p. 29).

tempo e semeia paisagens de memória que se move por meio da oralidade. O tempo da dança. O tempo que dança. O tempo que rasteja e troca de pele. O tempo cruço. O tempo do rito. O tempo da caça. O tempo infante e brincante. O tempo ancião. Tempo e corpo, relacionando-se, envolvendo-se em confluência.

4.2. Ciranda de *Dizências*. Corpo-língua-memória-território indomável

Retrato 15 – Minha primeira professora



Fonte: Arquivo pessoal⁴⁹.

Caso nunca tenha escutado alguma pelanca, vou te dizer o que escutei das que ficam penduradas nos braços de minha vó.

A começar, para quem não sabe, pelanca é uma pele macia, com algumas linhas que mais parecem raízes, sem começo ou fim, tudo é enramação. Quanto mais linhas, marcas, raízes nas pelancas, mais tempo, possivelmente, ela viveu - diria que o suficiente para esticar a pele. Uma coisa que pelanca entende bem é de queda, ela que vive caída, pendurada em pele.

⁴⁹ Retrato 15 - uma das idas a Miaba no inverno de 2023, de momento no qual vó Ita assa milho no fogo à lenha na casa de taipa onde viveu com vó, as filhas e filho por grande parte de suas vidas.

Foi observando, tateando, embalando, sentindo, escutando as pelancas de mais de oito décadas nos braços de vó que aprendi sobre o tempo. Ela nitidamente não entendia o interesse obsessivo, demorava um bocado de tempo ale deitada em seu colo, tocando as pelancas de seus braços, cheirando, mexendo para lá e para cá. Os toques variavam entre sutis e intensos, também em diferentes velocidades. Feito uma cientista das pelancas de vó. Diferente da minha que nem de pelanca dava para chamar, a dela havia vivido ao ponto de ser flexível, repleta de relevos que projetavam desenhos tão únicos... Olhar os traços na pelanca de minha querida vó Ita era, sem dúvidas, das minhas dedicações nas noites em que dormia com ela (quase todas, já que praticamente morava lá). O interesse era tamanho que lhe provocava estranhamento. Perguntava com alguma brabeza porque eu fazia aquilo. Dava várias respostas para ela, mas nenhuma bastava. Só depois, me peguei pensando que seu estranhamento poderia ser por ter uma pessoa fazendo contato com seu corpo com tanto interesse, curiosidade e afeto. Não sei se era isso mesmo, talvez nem ela mesma pudesse me responder.

Sempre que volto na casa dela, vou direto balançar e tatear as pelancas em seus braços, pousar minha cabeça sobre o seu colo e escutar outras tantas histórias, de corpo e de língua. Todas as vezes ela faz questão de lembrar que aquele ritual eu faço desde criança, enquanto brota um sorriso no canto da boca: *“menina, tu não larga esse costume, né?!”*. Nesse ato, eu e ela vivemos tantos tempos – eu na pele que ainda custará tornar pelanca e ela nas pelancas repletas de experiências. O tempo, as histórias, as marcas, as linhas, o toque, nada se separava.

Vó Ita nunca pisou numa escola, vestiu uma farda, sentou-se numa carteira, pegou num lápis ou traçou palavras da tal gramática portuguesa. Acha que sabe menos por não ter ido à escola. Note: ela não saiu ileso da escolarização colonizatória. Pois bem, como ela não saiu ileso da escolarização se nunca foi à escola? Ela se acha menos conhecedora, ainda que soubesse de muitas coisas que não se ensinam por lá. Por lá não ensinar, dizem não tratar de conhecimento, até que a gente da universidade monopensante, de dentro de laboratórios assépticos, de ar-condicionado, sem nunca ter pisado na terra de pés descalços, venha lhe ‘dar voz’ e dizer o que é conhecimento em ‘verdade’. Ainda que se achasse menos conhecedora, analfabeta ao ponto de vista da escolarização, seu corpo contava histórias e dançava gestos.

Para ela, palavras e números são símbolos enigmáticos. Dia desses, perguntei se ela queria que eu a ensinasse a ver as horas no relógio. Foi aí que ela disse que não entendia os números e já estava velha demais para aprender alguma coisa. Mal sabia ela que foi ela mesma quem me ensinou a conhecer os horários do jeito mais interessante: olhando a posição do sol no céu. Certamente, ao longo de sua vida, não precisou saber que horas seriam na noite, já que “a noite é para dormir”, ela diria. Agora, em decorrência de algumas questões de saúde, chegou à necessidade de criar jeitos, de se a ver com as horas da noite. Quando alguma das netas ou filhas estão com ela, pergunta para elas. Quando não, associa o horário do remédio ao fim da “novela das 8”, então é nesse horário que toma a medicação. De uma esperteza...

Conhecedora dos saberes da terra, saberes de quem vive em relação de compartilhamento e envolvimento com a natureza, em confluência. Uma rendera, parteira, hoje anciã. Facilmente, senta-se ao chão - num gesto de confundir as partes do corpo que encostam no chão com o próprio chão -, come bolo de feijão e farinha com as mãos, as mãos que não foram adestradas a usar garfo e faca - incivilizadas? Corpo de uma língua afiada, certa, de poucas palavras, pouco pensadas, foguentadas pelo presentificar dizente; “Minha língua não dá pra dizer esse nome!”, diz ela. Uma língua que não se dobra ao chiado, ao sotaque que não é daqui, à dicção escolarizada da gramática colonizatória. A língua que rejeita a exportação, não se sucumbe, transmuta. A língua que não se submete, dribla e dobra as tentativas de domínio. Onde palavra ganha outra dança e ritmo - dobrada.

Bacurau⁵⁰

Rios de *dizências* represados em barragens e açudes, nas terras escavadas ao fundo à procura de recursos que possam ser transformados em dinheiro. Vidas tentadas à desapropriação e tornadas recurso. Canto entalado na garganta de passarinho engaiolado que por tristeza deixou de cantar. As asas sem liberdade para voar atrofiam, ainda as encurtam, ou simplesmente cortam suas penas, pernas, garras, vidas. Calam o canto e esbravejam vitória de mais morte rendida, meta vencida. Bloqueiam as correntezas, asfixia viventes das águas. Estupram a terra, perfurando suas profundezas, invadindo e violentando o que há de mais íntimo e próprio. O desencanto se espalha feito praga.

⁵⁰ Convido escutar o canto do Bacurau. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/bacurau>.

As *dizências* que as palavras pouco traduzem. Um tanto se incorporam de palavra, outros tantos transbordam, dizendo-se de outros jeitos, cantos, silêncios, cheiros, cores, movimentos. Quem pode ter voz? Quem pode falar? Quem tem espaço de escuta? Quem pode saber? Na monocultura de humano para humano, “as nossas mestras e os mestres da oralidade foram considerados desnecessários pelo sistema, e tentaram substituí-los pelos mestres da escrituração” (Santos, 2023, p. 25). Trago cultura e humano no singular por tão fixados que são na homogeneização.

Ainda que os colonialistas não entendam, ou não queiram entender, o silêncio diz; o corpo diz; a pelanca diz; o gesto diz; o olhar diz; o sorriso diz; o choro diz. A questão por si só não é simplesmente da escrita, tampouco do conhecimento. Há outras compreensões da palavra para além da colonialista. Numa experiência de envolvimento com o corpo, em enunciação acompanhada da “responsabilidade do dito na voz do que diz, pois a palavra também é oráculo e mesmo ação” (Martins, 2021, p. 95).

Uma correnteza de *dizências* escorrem cachoeiras, correm rios ao encontro dos mares. Outra alvorada de *dizências* cantadas pelos pássaros voando nos céus. Mais *dizências* na terra que nos sustenta, nos ventos que rodopiam matas, cidades, roças, serras. *Dizências* tantas desprezadas pelos ouvidos colonizados, monoescutadores. Entre a ciência ocidental colonizada dizendo da árvore e a árvore dizendo de si, quem se escuta? Quais as *dizências* das árvores de suas redondezas? Já se dispôs a escutar?

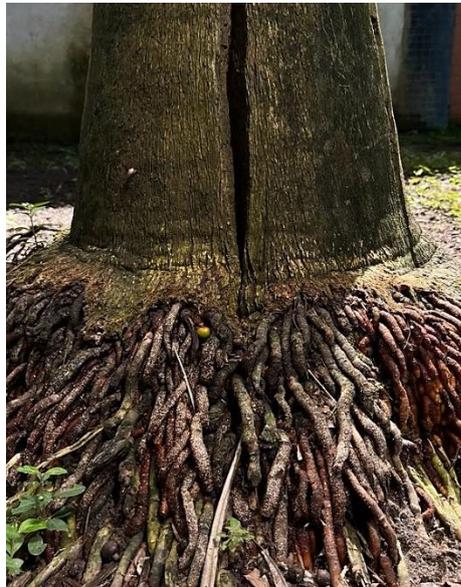
Outro dia, pousei sob o colo de uma árvore Juazeiro de mais de meio século. Quantos bichos ela deve ter visto passar por ali, quantos foram abraçados por sua sombra, quantas histórias deve ter ouvido. Pode uma árvore cultivar memórias e contar suas histórias? Ouvi algumas histórias desse Juazeiro enquanto me embalava em seu colo num abraço que me lembrava os de minha avó. O que morre quanto se mata uma árvore?

Atravessada pelos processos de colonização em seu território, Vandana Shiva (2003, p. 25) observou como “a linearidade fragmentada do saber dominante rompe as integrações entre os sistemas”. Enquanto isso, “o saber local resvala pelas rachaduras da fragmentação” (Ibid., p. 25).

Quando o Ocidente colonizou a Ásia, colonizou suas florestas. Trouxe consigo as ideias da natureza e da cultura enquanto derivações do modelo de fábrica industrial. A floresta deixou de ser vista como uma entidade que tem valor próprio, com toda a sua diversidade. Seu valor foi reduzido ao valor da madeira industrial comercialmente explorável. (Shiva, 2003, p. 31)

Sob o crivo antropocêntrico e eurocêntrico, olha-se para a floresta subsumindo-a à mercadoria, matéria-prima, recursos. Aliás, tudo o mais é mercadoria. O processo colonizatório é o grande responsável pelo dimensionamento da monocultura da vida, por sua homogeneização e, assim, pelo esgotamento e morte de seu solo. Os colonialistas não estão interessados em saber da importância da floresta, conhecer suas vidas, relacionar-se com suas imagens, tampouco suas cosmovisões. As gentes operadoras da desconexão do desenvolvimento, só quer saber de expropriar.

Já os povos e as comunidades tradicionais vivem indissociavelmente com a (sua) natureza, numa relação de compartilhamento. O modo como Nêgo Bispo (2023) semeou a palavra confluência ensina sobre essa relação. A confluência brota para ele enquanto observa os rios, num momento em que a ancestralidade o segurava no colo: “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (Ibid., p. 15).



Fonte: Arquivos pessoal⁵¹.

⁵¹ Retrato 16 - copa de árvores em composição com o céu, vista desde o corpo deitado em um dos bancos da “praça da democracia”, na Universidade Federal de Sergipe, onde algumas árvores-anciãs ainda vivem; Retrato 17 - uma árvore vivente onde fica a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, em 10 de novembro de 2023, em Salvador. A frase nela pendurada diz: “Cada planta tem uma entidade. Quem olha com óculos brutos não vê, mas para quem faz um contato sensível, a planta mostra a imagem dela. É maravilhoso porque elas se apresentam para quem elas querem (Ailton Krenak)”; Retrato 18 - foi feito durante as perambulações na Universidade Federal de Sergipe na disciplina de Itinerâncias Cartográficas, na segunda metade de 2023.

Já os povos e as comunidades tradicionais vivem indissociavelmente com a (sua) natureza, numa relação de compartilhamento. O modo como Nêgo Bispo (2023) semeou a palavra confluência ensina sobre essa relação. A confluência brota para ele enquanto observa os rios, num momento no qual a ancestralidade o segurava no colo, como ele diz: “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (Ibid., p.15).

Quão civilizado e adestrado é precioso estar para entrar na categoria humano? *Alguém* me diz? *Alguém* humano é “contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas” (Santos, 2023, p. 30).

Não somos humanistas, os humanistas são pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são eurocristão monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofofia é a doença da humanidade. (Santos, 2023, p. 29)

Desaprendemos com a mestria de Bispo e Krenak a desconfiar desse destino humano e se aparentar com o rio, com as pedras, com as plantas e com outros seres que tivermos afinidade, num grande abraço cósmico (Krenak, 2020). Por isso, o desejo gritante e saltitante de conhecer os (nossos) desejos da terra, fazer povos cosmológicos em envolvimento, nos descarregando da métrica de importância em meio a viventes da natureza e a própria natureza. Em confluência, a vida é mais. Não são povos da linearidade ou da verticalidade, mas povos da circularidade. “Somos povos de trajetória, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio, começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Santos, 2018, p. 102). (Re)começemos! Você vem, aceita esse abraço?

4.3. Brincar epistemes de corpo, pintado-as de urucum

Retrato 19, 20 e 21 – Quintal-mundo/ Brincar de desaprender/ Festa de Criança



Fonte: Arquivos pessoal⁵².

Já ouviu algum adulto dizer: “Isso não é brincadeira, é coisa séria!”? Eu devo ter



ouvido ao menos algumas centenas de vezes,

inclusive, já fui também a adulta a proferir, ainda que não acredite nisso. Brincadeira

⁵² Retrato 19 - placa com a frase “Aqui as crianças são livre” foi no povoado Areia Branca (Aracaju-SE), em 02 de dezembro de 2023. numa estrada povoada por diversas árvores; Retrato 20 é de uma atividade proposta pelo grupo que compus na disciplina de Fundamentos da Educação no primeiro semestre do mestrado, na segunda metade de 2022. Uma das propostas da atividade era convocar o corpo a brincar; Retrato 21 - uma ‘festa de criança’ feita a muitas mãos como finalização da disciplina de Processos Grupais ofertada ao sexto período da graduação em Psicologia. Essa turma em específico havia adentrado a universidade pelas telas em tempos pandêmicos, discentes nunca haviam feito algo junto que não fosse sala de aula. Compus a disciplina e a turma como parte do estágio docente.

é coisa séria. Não digo séria por seriedade, mas por envolvimento. Já reparou na dedicação e atenção com a qual crianças costumam construir castelo de areia? Ainda que saibam que logo será desmanchado pelo vento, pela água, por si mesma, ou qualquer outra coisa ou situação. O castelo durar instantes em pé não faz diminuir a dedicação na construção. São adultos quem costumam fazer qualquer coisa pretensiosamente, por isso, não brincam. Então, talvez brincar não seja mesmo coisa séria. Adultos é que confundem seriedade com veredictos e tarefismos. Crianças brincam de fazer mundos sem utilidades.

Na primeira oportunidade de propor atividade com a turma de mestrado, pensamos em brincadeiras. Convocar encantarias infantis para lembrar o corpo de outros gestos, aprendizagens, movimentos, *dizências*. A atividade nem havia sido anunciada e a circulação na sala já era diferente. Os brinquedos à disposição – elástico, argila, peteca, bonecas de pano, flauta, corda, tintas – mobilizavam memórias. De costume, aqueles adultos chegavam na sala e aguardavam a aula iniciar, pouco conversam sobre qualquer outra coisa. Mas, naquele momento, riam juntos, contando de suas memórias, lembranças, ausências desses tempos de brincar. Como em festa de Erês, tinha bolo, refrigerante, pipoca, balas e pirulitos. O cheiro da pipoca de milho espelhado pela sala inteira acordava outros tantos sentidos, lembranças de corpos infantis naqueles adultos bem-educados pela escolarização.

Na primeira aula do estágio docente, me surpreendi com tamanha rigidez daquelas(es) jovens. Com bastante frequência saíam ilesas das aulas. Durante as aulas, eu ficava atenta, caçando (re)ações, qualquer sinal de afetação. A turma era dividida em várias ‘panelas’, cada uma com a tampa que lhe parecesse mais segura. Fomos experimentando destampá-las aqui e ali, propondo atividades com grupos diferentes para que ao menos se escutassem, se olhassem, nem que sorrateiramente.

Durante uma atividade proposta na disciplina por um dos grupos, em que precisávamos vender uma coisa que a gente gostava para outras pessoas, apareceu festa de criança e foi a mais desejada entre aquelas(es) estudantes. Entre a rigidez pandêmica e acadêmica, brotava desejo de festa, e não qualquer uma, “festa de criança”. Tendo chegado ao fim dessa aula, compartilhando as sensações, a festa de criança aparece novamente, alguém provoca: “por que no fim da disciplina não

fazemos uma festa de criança?”. Ali começou a construção, a tantas mãos, da festa de criança, de um desejo brincante.

Bem-ti-vi⁵³

A universidade é lugar de brincar? Em terra desencantada, a brincadeira é proibida por gente colonista, sob risco de, por meio dela, gingar o poder. Assim, transformam gentes de todos os tipos e de todos os cantos em humano sério, branco, indivíduo, matéria-prima, alma-empresa do capital que “não comunga de respeito e responsabilidade com a vida, é somente um transgênico plantado na escassez da monocultura desse latifúndio” (Rufino, 2023, p. 16). Para isso, a escolarização tem um papel fundamental, o que justifica sua importância nas sociedades eurocristã monoteísta e as carteiras enfileiradas também na universidade. As brincadeiras, já com crianças, são cada vez mais utilitárias, nesse sentido deixando de ser brincadeira para serem relações mercadológicas de produção e consumo de sentidos e desejos. Escola-empresa onde as crianças aprendem a disciplina, na qual brincar é coisa que se faz nas horas que sobram, se sobrar. Ainda que não faça sentido algum, o dever delas é ficarem quietas, caladas, sentadas, de costas umas para as outras, preocupadas consigo mesmas e se cobrando para serem as melhores. Ainda em casa, tem que seguir fazendo dever, cumprindo esse dever de ser *alguém* pelo esvaziamento do envolvimento e da comunhão consigo, o outro, o mundo.

A educação como fundamento corporal traz a brincadeira como mote, em especial confrontando a limitação daqueles que a observam destituída de seriedade ou rigor teórico-metodológico. A brincadeira se expressa como inscrição máxima de uma vida não utilitária, por isso ela é íntima dos sonhos e artífices das esperanças. (Rufino, 2023, p.18)

Por outro lado, a educação tal qual esta dada a civilidade, mira o corpo como alvo da adestração. A colonização, para além de seu caráter militarizante, também se arma num projeto de molde escolar (Rufino, 2023). É por isso que trago um questionamento no qual Luiz Rufino insiste em perseguir: “quais interesses e relações se estabelecem com as lógicas de dominação colonial quando o corpo é alvo de uma chama educação que o aquebranta das suas capacidade de jogo, brincadeira, invenção, alegria e da tessitura de sentidos comunitários?” (Ibid., p. 80). Uma coisa a gente sabe,

o corpo brinca, ginga, inventa, desdiz, gargalha, abraça, grita, corre, e isso incomoda aquilo que diz ser educação, mas é na verdade catequese. Não há possibilidade de mirarmos um Brasil mais justo, saudável e responsável com

⁵³ Convido a escutar o canto do Bem-ti-vi. Disponível em: [https://www.wikiaves.com.br/wiki/bem-te-vi?s\[\]=ti&s\[\]=vi](https://www.wikiaves.com.br/wiki/bem-te-vi?s[]=ti&s[]=vi)

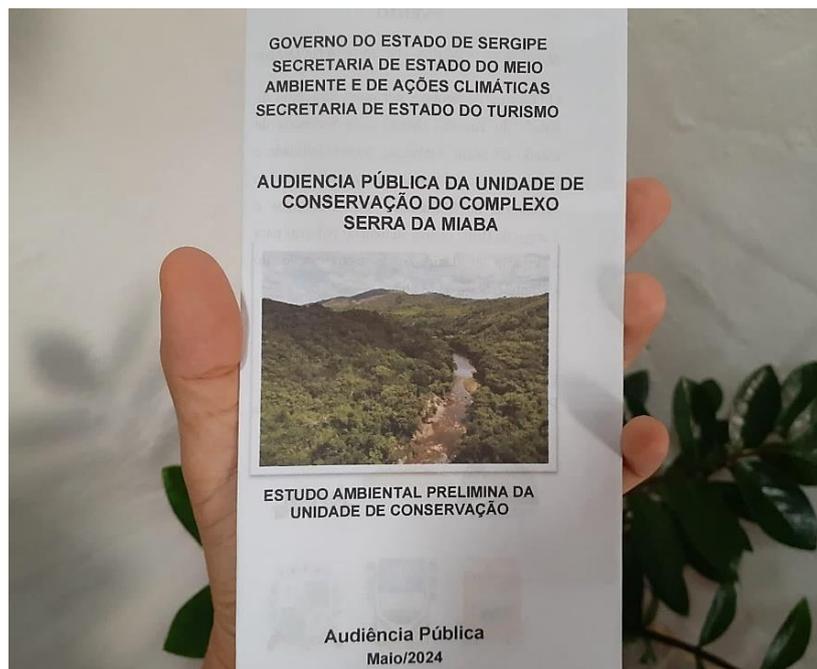
seus praticantes sem que essa mirada seja tomada por um compromisso educativo. (Rufino, 2023, p. 84)

Nesse (com)passo, brincar é “emergência de movimentos, tempos e espaços não dominados por uma lógica bancária” (Rufino, 2023, p.19). A brincadeira é espaço-tempo de memória, lembrança, e por sua vez, contra-ataque. “A brincadeira assume caráter tático nas políticas de vida, ou seja, ela não é esvaziada de sentido por não se encaixar nos padrões de um mundo obcecado pela produção, pelo consumo e pela utilidade das coisas” (Ibid., p. 20).

Brincadeira como sabedoria do corpo, espaço-tempo de ativação de memórias ancestrais. “Brincar é estar disponível para um mundo que é infinito em possibilidades” (Simas; Rufino; Haddock-Lobo, 2020, p. 97). Brincadeira é também linguagem em movimento e relação de envolvimento com ritmos, sons, pedras, quintais, chuva, matas, plantas, mar, rio, gentes. Não obstante, o encantamento está diretamente conectado à “atitude brincante e despretenhosa que expande possibilidades, pois faz música com as imprevisibilidades que tanto aperreiam o modo adulto de ser” (Ibid., p.93). É hora de brincar de fazer (en)cantoria, vamos?

5. PARA SEGUIR ÀS VOLTAS COM UMA QUESTÃO-VIDA

Retrato 22 e 23 – Miaba na mira/ Miaba no papel morto



Fonte: Arquivos pessoal.⁵⁴

Nas últimas costuras do texto da dissertação, no tempo enjaulado do mestrado, fui surpreendida com a notícia de que haveria uma audiência pública sobre a Serra da Miaba nas três cidades nas quais ela borra fronteiras. Conhecendo um pouco do

⁵⁴ Retrato 20 - audiência pública para tornar a Serra da Miaba UMA unidade de conservação que ocorreu na cidade de Campo do Brito no dia 29 de maio de 2024; Retrato 21 - folder do estudo ambiental compartilhado durante a audiência.

funcionamento daquelas prefeituras, já era de se imaginar que falhariam na divulgação por motivos óbvios; o povo não saber, não estar lá para questionar, conhecer suas intenções. Pedi apoio de painho e mainha para divulgar entre as pessoas do povoado, mas acabei não explicando algo bem importante: o que necessariamente era uma audiência pública, de modo que mainha não tivesse dúvida se teria juiz, como tem no que ela conhece por audiência.

Cheguei na audiência e, como previa, não tinha uma pessoa sequer dos povoados ao entorno da Miaba – pessoas que serão diretamente afetadas com a efetivação da Unidade de Conservação. Porém, havia algo que me deixava alerta: lá estavam representantes de algumas empresas e de um banco. Era óbvio com quem a prefeitura e o governo federal, ali representado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Semac), tinham interesse em dialogar.

Depois de o estudo ter sido superficialmente apresentado, a coordenadora da Semac quis adiantar sua aprovação, pedindo que levantassem as mãos em concordância, ainda que eu e um amigo estivéssemos balançando a cabeça em sinal de negação, ele tinha uma questão sobre o estudo. Mesmo assim, ela queria adiantar a votação. Havia estudantes de uma escola municipal que eram maioria naquele espaço, a coordenadora então falou: “Vamos meninos, levantem as mãos para ficar bonito na foto e depois vocês já estarão liberados. Vamos!”. Levantar a mão, ali, era gesto de tomada de uma decisão definitiva, mas foi sintetizada - coisa que a gente sintética, lembrando Nêgo Bispo (2023), tanto faz - em “ficar bonito na foto”.

Em seguida, o espaço foi aberto para perguntas. Pedi a fala e fiz perguntas para o prefeito e para a secretária municipal de educação, ambos ali presentes: “Quero falar primeiro de uma preocupação. Enquanto vivente do povoado Terra Vermelha, um dos povoados ao entorno da Miaba, fico realmente assustada por não ver uma pessoa sequer como representante de cada comunidade, sendo esse um momento de tomada de decisão de algo que irá interferir diretamente na vida dessas pessoas. Por isso, gostaria de saber do prefeito como ocorreu a divulgação, sua efetividade para que aquelas pessoas não estivessem, embora representantes de banco e empresa estivessem, o que transparece um certo interesse econômico. Outra coisa, foi falado aqui de haver educação ambiental nas escolas, aproveito a presença da secretária de educação para perguntá-la: de qual modo vocês têm pensado ações de conservação e

proteção ambiental com a comunidade escolar? Não somente com estudantes, mas com toda a comunidade?”.

A coordenadora da Semac fez questão de responder a pergunta direcionada ao prefeito, dizendo o quanto investiram em divulgação, até em carro de som. Em seguida, a secretária de educação levanta e pede a fala. Olhando na maior parte do tempo para mim, ela diz sobre como consideram importante a educação ambiental, justificou elencando ações de incentivo em reciclagem no município, onde diz já estar havendo não somente nas escolas públicas como também nas privadas, porém, a pergunta feita não foi respondida. Por fim, endossou a resposta da coordenadora, dizendo que as pessoas não estavam ali por não saber. Na fala dela: “A divulgação foi feita, as pessoas ali não estavam porque é cultural não se implicarem nas tomadas de decisão”.

Carcará⁵⁵

A questão é a própria vida, questão-vida. Por isso, não tem para onde correr, o comprometimento é de seguir às voltas, espiralando. O que não cabe na linearidade não tem fim, repara? Os colonialistas, descachimbados de encanto, querem mesmo nosso cansaço e apatia, assim fica mais fácil para eles, sentados em suas mesas de reunião, servidos pela nossa gente, decidirem as nossas mortes para seguir com suas vidas capitalizadas. “Quantas luas se passaram para que a gente entenda que esse tal tempo do ‘progresso’ nos plantou uma mentira, um quebranto que torna dissonante os nossos sentidos, alguns, hoje, já quase esquecidos?” (Rufino, 2023, p.87).

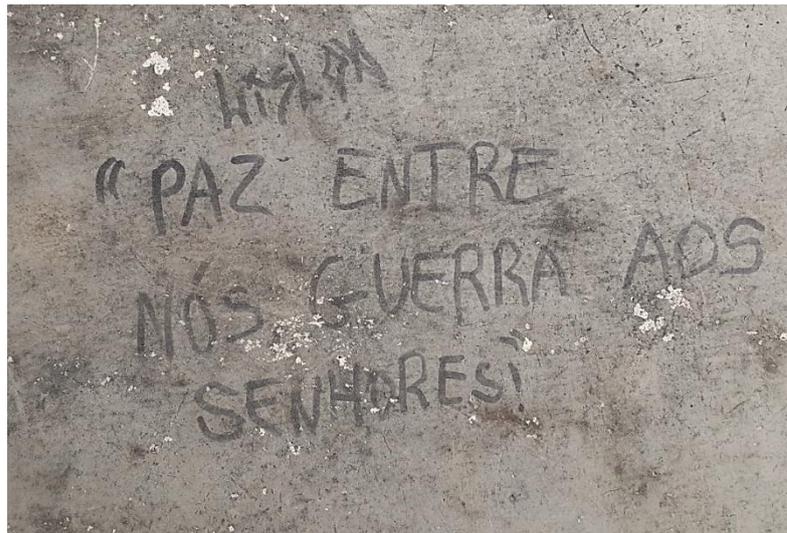
“Levante as mãos para ficar bonito pra foto”. Um gesto que diz tanto sobre Pindorama suprimida pela invenção de Brasil. Precisei passar pela escolarização, desviando do desencanto, lembrando de onde nunca saí, para chegar aqui balançando a cabeça em negação e questionando enquanto pedem para levantar a mão. Conhecer as estratégias de opressão dos colonialistas para esquivar-se e traduzi-las para nossos povos, eis algum jeito, mesmo peque(ninho) desse corpo branco ensaiar reparação. Criar motim, bando, muvuca, bloco de rua, manifestação, nossas vozes não calarão.

Dizer para a universidade que a questão-vida não cabe em dois anos, porque a vida é mais, não cabe na linha reta de seu tempo cronológico, nem no tempo em que tenho de entregar

⁵⁵ Convido a escutar o canto do Carcará. Disponível em: [https://www.wikiaves.com.br/wiki/carcara?s\[\]=carcar%C3%A1](https://www.wikiaves.com.br/wiki/carcara?s[]=carcar%C3%A1).

essas páginas. Por que vidas estão sendo assassinadas, invadidas, assaltadas, desencantadas a cada segundo nesses territórios ainda sob o crivo do projeto colonial eurocristão moneísta em curso. “A colonização estabeleceu uma cultura de saques e rapinagem que não se limita ao furto das riquezas naturais, mas se concretiza também no assalto à dignidade existencial” (Rufino, 2023, p.96). Porém, se segue em curso é porque nosso povo nunca os deixou darem-se por vencidos. Sigamos em luta!

Retrato 24 e 25 – Luta ancestral/ Paz e guerra



Fonte: Arquivos pessoal⁵⁶.

⁵⁶ Retrato 22 - frase “Minhas ancestrais decepava arrombado” que está pixada numa das pilastras na entrada principal da Universidade Federal de Sergipe; Retrato 23 - frase “Paz entre nós, guerra aos senhores” está pixada em um banco da praça da democracia, também na Universidade Federal de Sergipe. Ambos feitos em agosto de 2023.

Nessa guerra que a política acadêmica continua, nossas estratégias são outras: a da confluência, a de compartilhamento, a da suavidade, a de uma poética que ainda sonha com outras composições de mundo, mais heterogêneas. Não vamos mudar o mundo, mas podemos mudar os jeitos de ver e de sentir, ampliar nosso horizonte, cantar nossos reisados, cachimbar, avistar nossas Miabas, habitá-las, passarinhar palavras com sotaque e cheiro de gente, da nossa gente. Sonhamos com o tempo da delicadeza.

Não precisa inventar um novo mundo não, precisa reeditar o velho mundo, precisa reeditar os quilombos, os quilombos são as áreas mais preservadas, são as áreas mais festivas, são os territórios que se vive festejando, as aldeias do mesmo jeito, então por que inventar? Por que que esses pesquisadores ao invés de ser pesquisadores, não são estudantes, não são aprendiz? Por que ao invés dessas pessoas sair da universidade para ir nos territórios nos pesquisar não nos contrata para dar aula para vocês? Para ensinar pra vocês relações ambientais e não educação ambiental. Pra ensinar pra vocês relações de compartimento e não de coletividade. Ensinar pra vocês relações de envolvimento e não de desenvolvimento. Acabou o mundo das teorias desconectadas. Acabou! (Nêgo Bispo)⁵⁷

É chegada a hora de encarar as manchas de sangue que persistem nessa vida acimentada, a intolerância, o racismo, todo extremismo a tudo que difira da monoculturalização latifundiária da vida, sedenta por exterminar e expropriar tudo o que cante em outro tom, que se movimente em outra direção, que tenha como ética a proteção do encantamento, a proteção dos berçários de uma vida outra. Nesse gingado, pode-se brotar, bem ali entre o mortífero e o embrionário, uma resistência ativa, que não se limitaria a recusar ou se opor a um mundo dado.

É também a hora do reencantamento dos corpos e das palavras. De um encantamento ético e politicamente protegido pelos povos originários de Pindorama, povos de terreiros, povos de quilombo, povos das ruas, povos ciganos, povos dos campos, das marés, das matas, dos sertões, das cantigas, das favelas, das periferias, infantes, erês, curumins e mais que humanos. Esses povos, aqui nessas páginas, fazem ciranda de *dizências* junto a mim, mainha, minhas tias, vó Ita e mais um bocado de outras companheiras. Aqui se inscreve uma memória-corpo, uma ciência corporal sabedora do boicote à civilidade lambuzada de sangue – aquela vestida em pele branca, a mesma que ousam chamar de paz, ludibriada em língua adestrada pela lábia erudita, manipuladora de desencanto.

A arma para desassossegar o desencantamento infectocontagioso é festejar, dançar, brincar, cantar o encantamento ambulante das frestas – talvez, há que soprá-lo ao centro, mas gostando mesmo é de confluir nas margens, de a(cor)dar o encantamento nos corpos

⁵⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1ALMHnrdug/>. Acesso em 01 de Maio de 2024.

anestesiados, adormecidos, sedados. Deslocar, quem sabe só um pouquinho, e isso já é tanta fartura, “a política de produção de subjetividade e do desejo dominante na nova versão da cultura moderna ocidental colonial-capitalística”, fazendo igualmente uma “política de produção do pensamento própria a essa cultura, ativando sua medula vital e sua habilidade para desarmar as configurações de poder” (Rolnik, 2018, p. 37-38).

Mais uma vez esse texto pega na mão e finca na terra a semente doada por Nêgo Bispo (2023, p. 13): “vamos pegar a palavra do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas que estão enfraquecidas e potencializá-las”. Utilizar a estratégia de poder do inimigo devolvendo-a no jogo. Vamos também recorrer a alguns dos lembretes indicados por Suely Rolnik (2018), para uma contínua ação de descolonização do inconsciente arregimentado ao modo colonial-racializante-capitalístico, assim: “desanestésiar nossa vulnerabilidade às forças germinativas; não ceder à vontade de conservação das formas de existência; não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida e não negociar o inegociável - aqui, entendido como a vida de cada vivente em expansão” (Ibid., p. 195-196).



Fonte: Arquivo pessoal⁵⁸

Aqui no subterrâneo, onde as raízes mais profundas fazem povoação e sustentam tantos mundos junto ao céu, flores fazem um motim suave. Desejam restar, seguir florindo. As águas das profundezas fazem redemoinho, tamanha a correnteza, elas vêm de todas as direções e se encontram em toda potência, em confluência. Podaram-nos, mexeram em nossas águas, sem saber que são povoadas. As *cantações* que aqui se fizeram presença são pontos de confluência, maloca, bando, matilha, formigueiro, manada, cardume. Elas fazem do (in)comum uma habitação de indignação e revolta, de quando recuar não é mais opção, nem o agir ressentido. Nossas gargantas e nossas palavras já não são mais gaiolas. De bocas abertas, passarinhos entoam um grito contra a guerra e a matança em curso. São cantos de dor, mas eles saem em bando, isso é uma alegria. Ali, as águas do céu que continuava a chover, nos carregavam junto,

⁵⁸ Retrato 26 - faixa com a frase “Só a luta coletiva mudará nossas vidas” na frente da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia enquanto acontecia o “V Seminário Griô: culturas populares”, em 10 de novembro de 2023.

numa confluência de sons e gotas. É que a gente combinou de fazer cantoria, não em aliança – casório e matrimônio, empreendimentos desenvolvimentistas e privatistas -, mas em confluência, rios se encontrando de todas as direções em direção ao mar – *Odojá!*⁵⁹ Em toda potência que cada uma pôde e pode ainda acessar. É que: “não desistimos nem de construir mundos, nem de atacar este [colonizado]. [...] Quando interrogamos aquilo que vivemos, vemos, sentimos, percebemos. [...] É aí que nos encontramos, é aí que fazemos verdadeiros amigos” (Comitê Invisível, 2016, p. 12, grifo meu).

A luta é por reflorestamentos educativos, que não escolarizem para deixar de ser povo, mas reivindiquem ser povo, povoamento. Nesse sentido, “a tarefa da educação é criar condições para um vir a ser em que as potencialidades, autonomia, liberdade e dignidade não sejam restringidas, mas orientadas por uma ética” (Rufino, 2023, p. 90), na qual “vida, arte e conhecimento se integram [...], em que suas inscrições pedagógicas revelam o comprometimento e a luta com a principal tarefa da educação: invocar a vida e fazer dela um ato de amor e responsabilidade ao outro” (Ibid., p. 93). Em confluência com o outro, humano e mais que humano, quem sabe assim, possamos diferir de nós mesmas.

⁵⁹ Expressão em iorubá de saudação a Iemanjá, a mãe do mar.

Referências

Livros, dissertações e artigos

Alvarez, J; Passos, E. **Cartografar um plano comum**. In: _____ PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. *Pistas do Método da Cartografia: intervenções e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

ALZANDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. *Ensaio Feminista*, 1/2000. Tradução por Édna de Marco, revisão por Claudia Costa e Simone Schmidt.

ARÁOZ, H. M.. **Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade**. Tradução de João Peres. – São Paulo: Elefante, 2020.

Articulação Brasileira das(os) Indígenas Psicólogas(os) (ABIPSI). **Pintando a psicologia de jenipapo e urucum: narrativas de indígenas psicólogos(as) no Brasil** [recurso eletrônico]. – São Leopoldo: Casa Leiria, 2022. Série Saberes Tradicionais, v. 5. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/olma/pintandoapsicologia/index.html>

BARBOSA, M.. **Fotografia - a arte integração**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais (Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. São Paulo. P. 91, 2009.

BENTO, Berenice. **Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação?**. *Cadernos pagu* (53), 2018:e185305. Disponível:<<http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800530005>> Acesso em: 30 de Jun. de 2023.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDES, A.; HÜNING, S.; OLIVEIRA, É.. **Catimbar a branquitude: palavras-vivências de pesquisadora branca**. In: _____ Org. MOREIRA, Lisandra; HÜNING, Simone; PARRA-VALENCIA, Liliana. *Políticas de pesquisa em psicologia: precarizações, incertezas e intersecções*. - Florianópolis, SC: ABRAPSO Editora, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

_____ **A terra dá, a terra quer.** Imagem de Santídio Pereira; texto de orelha Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112p.

BLASER, M. **Uma outra cosmopolítica é possível?** R@U, 10 (2), jul./dez. 2018: 14-42 pp.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política.** São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, S. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns.** São Paulo: Elefante, 2022.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil.** Arataca - BA: Teia dos Povos, 2021.

FISHER, M. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FONSECA, T.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C.. **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidianos.** Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, B.. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.** Trad. Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____ **A Vida não é Útil.** Pesquisa e organização de Rita Carelli. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____ **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** - 2ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____ **O Amanhã não está à Venda.** - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____ **Memória não queima.** Cadernos Selvagens. Publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2023. Disponível em <https://selvagemciclo.com.br/>

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno.** São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu editora, 2020.

LISBÔA, Flávia. **Racismo linguístico e os indígenas Gavião na universidade: língua como linha de força do dispositivo colonial**. Salvador: EDUFBA, 2022.

LISPECTOR, C.. **A paixão segundo G.H.** [recurso eletrônico]. – 1ª ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

MARTINS, Leda M.. **Performance do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro : Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achile. **Brutalismo**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

MEYER, D.; PARAÍSO, M. (Orgs.). Introdução. In: _____. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MIGNOLO, W.. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

_____. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017. ISSN 1806-9053.

MOREIRA, L.; HÜNING, S.; PARRA-VALENCIA, L.. **Políticas de pesquisa em psicologia: precarizações, incertezas e intersecções**. - Florianópolis, SC: ABRAPSO Editora, 2022.

NARBY, J. **A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2018.

NILHA, O. **Kopenawa: Davi Kopenawa**. Campinas, SP: editora Mostarda, 2022.

NÚÑEZ, Geni. **Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário**. Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021.

_____. **Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**. [Tese de doutorado interdisciplinar em ciências humanas da Universidade Federal de Santa Catarina]. Florianópolis, 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_473f48c5fe4ec5a1940f122e090045b6

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. **Pistas do Método da Cartografia: intervenções e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

PATAXÓ, Japira. **Saberes dos Matos Pataxó**. Organização Ana Boross Queiroga Belizário, Victor André Martins Miranda. – Belo Horizonte, MG: Teia dos povos: Piseagrama, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROLNIK, S.. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**, n-1 edições, 2018.

RUFINO, L.. **Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SIMAS, L.; RUFINO, L.; HADDOCK-LOBO, R.. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

VEIGA, C.. **A escolarização como projeto de civilização**. Revista Brasileira de Educação - Set/Out/Nov/Dez 2002 N° 21.

VERGÈS, F.. **Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Ubu, 2023. 272 p.

VIVEIROS DE CASTRO, E.. **Os involuntários da pátria**. ARACÊ – Direitos Humanos em Revista | Ano 4 | Número 5 | Fevereiro 2017

Vídeos, documentários

BACK, Carol - direção e edição. **Escolarizando o mundo - o último fardo do homem branco**. Produzido em 2011. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs >
Acesso em: 27 de Set. de 2022.

FILHO, K. M.; DORNELES, J. – diretores. **Bacurau**. Brasil/França, 2019.

MÍDIANINJA. “**A Mãe do Brasil é Indígena**”, episódio 2 da série Maracá. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w3ciHZgzhVw&t=310s>> Acesso em: 20 de Jun. de 2022.

Músicas

AFONJAH , Valdi; OXUM, Mãe Beth. **Tá na hora do pau comer**. Álbum intitulado da mesma forma, pelo grupo Coco de Umbigada, 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7p2F6n9sSoXTtgcDGZF1yd?si=4849fb1a5a494c08>. Acesso em 14 de Maio de 2024.

ASSUMPCÃO, Serena. **Exú**. Álbum ascensão, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SvCdDETzeoc>. Acesso em 17 de Fev. de 2024.

EMICIDA. **Cananéia, Iguape e Ilha Comprida**. Álbum AmarElo, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3aXbjjFVHC86pSZey62vbS?si=d59d5822bc8148d2>. Acesso em 16 de Jun. de 2024.

NASCIMENTO, Milton; BUARQUE, C. **Cio da terra**. Disco Geraes, 1772. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7C0JAgbhRr2ANXVAmjFaMV?si=f580d4cf14394405>. Acesso em 13 de Jun. de 2024.

TOM, Zé. **Senhor Cidadão**. Disco Dois Momentos – Vol. 1. Warner Music Brasil Ltda, 1972/1973. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0mFw06CCJKIAUEK1gf3O0m?si=IQxAn25SR4uMP9reQTy8Dg>. Acesso em: 13 de Jul. de 2023.